

**ANA CRISTINA BEZERRA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO PERMANENTE NA TERCEIRA IDADE**

**RIO DE JANEIRO  
2005**

Ana Cristina Bezerra da Silva

## **EDUCAÇÃO PERMANENTE NA TERCEIRA IDADE**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pela professora Maria Elena Viana Souza.

RIO DE JANEIRO  
2005

## **DEDICATÓRIA**

DEDICO ESTE TRABALHO PRIMEIRAMENTE A DEUS, A QUEM TENHO PLENA FÉ QUE ESTÁ SEMPRE COMIGO EM TODOS OS MOMENTOS E POR ELE ME CONCEDER A OPORTUNIDADE DE REALIZAR UM SONHO.

A MINHA MELHOR AMIGA E AMADA MÃE, POR SUA DEDICAÇÃO, MOTIVAÇÃO QUE ME AUXILIOU E DEU-ME FORÇA PARA JAMAIS DESISTIR DOS MEUS SONHOS.

E AO MEU MARIDO FELIPE (CHERRY) PELA SUA COMPREENSÃO E APOIO NUM MOMENTO QUE FOI PARA MIM MISTO DE SENTIMENTOS, NOS QUAIS ELE ME MOSTROU QUE A MAIOR RIQUEZA DESTE MUNDO ENCONTRA-SE NO AMOR DESINTERESSADO E NA PALAVRA SINCERA.

AMO VOCÊS!

## AGRADECIMENTOS

A DEUS POR ME CONCEDER PERSEVERANÇA E SAÚDE PARA QUE EU TRILHASSE MEU CAMINHO E CONVIVESSE COM PESSOAS QUE EU AMO;

AOS MEUS COLABORADORES E ACIMA DE TUDO AMIGOS: RAQUEL PÓVOA, RACHEL BOLGAR, ROBERTO ROCHA E MIRNA FERREIRA, POR TEREM SE MOSTRADOS DEDICADOS A ME AJUDAR NA BUSCA DE OBRAS TEÓRICAS E POR ABRIREM AS PORTAS DE SUA CASA PARA QUE EU PUDESSE DIGITAR ESTE TRABALHO;

A MINHA ESTIMADA AMIGA GREICE BOLGAR, QUE ME TRANSMITIU SEGURANÇA NESTE PERÍODO POR MEIO DE SEUS CONSELHOS E SABEDORIA, E À CRISTIANE FERREIRA POR SE MOSTRAR PRESENTE E POR SER GENEROSA AO CEDER SEU TEMPO DE DIGITAÇÃO, ESQUECENDO-SE DE SI PARA QUE EU PUDESSE DIGITAR MEU TRABALHO. SAIBAM QUE VOCÊS ABRILHANTARAM MINHA VIDA;

ÀS AMIGAS DE FACULDADE CINTIA, GRASIELE, FLÁVIAN, REJANE, SONIA, CINTIA OLIVEIRA, ANA GRAZIELLE E FERNANDA, AGRADEÇO PELO CARINHO, AMIZADE E PACIÊNCIA QUE TIVERAM COMIGO NOS MOMENTOS DIFÍCEIS;

À PROFESSORA, ORIENTADORA, MARIA ELENA, PELA SUA INESTIMÁVEL PACIÊNCIA, DEDICAÇÃO E AJUDA, SEM A QUAL ESTE TRABALHO NÃO TERIA SIDO TÃO PRAZEROSO; AO PROFESSOR LUIZ EDUARDO, PELO SEU SEMPRE PRESENTE APOIO EM TODAS AS ETAPAS DA MINHA VIDA DISCENTE;

A UNIRIO, POR ME PROPORCIONAR MOMENTOS INESQUECÍVEIS DE CONHECIMENTO E REFLEXÃO E PELA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DE ESTÁGIOS E PESQUISAS;

E AOS PROFESSORES COM OS QUAIS TIVE O PRIVILÉGIO DE ESTUDAR E QUE ENRIQUECERAM A MINHA FORMAÇÃO.

*A educação tem caráter permanente.  
Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando.  
Existe graus de educação, mas estes não são absolutos[...].  
Não há educação sem amor. O amor implica lutar contra o egoísmo.  
Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.  
Não há educação imposta, como não há amor imposto.  
Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.  
(Paulo Freire).*

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo, analisar a proposta educacional da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ), com a finalidade de caracterizar a Educação Permanente que esta utiliza. Procurou-se a partir deste trabalho enfatizar a importância da Educação Permanente, como uma educação que liberta a sociedade dos preconceitos e de imagens negativas vinculadas aos idosos, assim como evidenciar a exclusão social dos idosos que não tiveram oportunidade de estudar ou de se atualizarem de forma a acompanhar as constantes mudanças e evoluções da sociedade. Para tanto, foi necessário realizar um levantamento bibliográfico que revelasse o valor dado à velhice nas sociedades e esclarecesse o conceito de educação permanente. Este estudo também contou com uma pesquisa de campo qualitativa, realizada na UnATI/UERJ, em que foram realizadas entrevistas com os alunos e coordenação pedagógica e aplicados questionários aos professores. Verificou-se nesta pesquisa, que a Educação Permanente promove a motivação, uma melhor qualidade de vida e a ressocialização, que insere o idoso como cidadão na sociedade. Visualizamos também que esta educação pretende provocar uma mudança de pensamento e atitudes na sociedade, para que a mesma valorize e dê oportunidade ao ser humano em toda a sua plenitude e não apenas em uma etapa da vida. Acredita-se assim, que a Educação Permanente é o caminho para a conscientização dos educandos acerca de suas responsabilidades, criando neles uma consciência crítica, que os auxiliem no exercício da cidadania. Conclui-se que a Educação Permanente tem como ideal sua adoção desde o Ensino Fundamental até a finitude do ser humano. Através da permanência na educação, ocorrerá o enriquecimento pessoal e coletivo dos educandos idosos, que através de debates, reverterão o quadro social, concretizando aos poucos sua reinserção na sociedade, primeiramente no lar, na universidade e em outros locais que os mesmos freqüentam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Permanente; Ressocialização do idoso; Valorização do ser humano.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O IDOSO.....</b>	<b>14</b>
1.1 – Os estudos de Simone de Beauvoir.....	14
1.2 – Os estudos de Goldman .....	20
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>O IDOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....</b>	<b>23</b>
2.1 – Causas e números sobre o envelhecimento.....	23
2.2 – O idoso e a Sociedade Brasileira .....	24
2.2.1 – O valor dado à velhice brasileira .....	27
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>ASPECTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO PERMANENTE.....</b>	<b>31</b>
3.1 – Sobre a Educação Permanente .....	32
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE E A UTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE.....</b>	<b>40</b>
4.1 – Universidade Aberta da Terceira Idade, UnATI/UERJ: Um exemplo da utilização de Educação Permanente .....	44
4.1.1 – Histórico .....	44
4.1.2 – Conhecendo o Programa que a UnATI/UERJ desenvolve.....	45
4.1.2.1 – Primeiro Eixo.....	45
4.1.2.2 – Segundo Eixo.....	49
4.1.2.3 – Terceiro Eixo.....	49
4.1.2.4 – Quarto Eixo.....	50

## **CAPÍTULO 5**

<b>EDUCAÇÃO PERMANENTE E UnATI/UERJ: UM ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>52</b>
<b>5.1 – A Realização das Entrevistas Com os Idosos.....</b>	<b>55</b>
<b>5.2 – A Realização das Entrevistas Com as Professoras.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3 – A Realização das Entrevistas Com a Coordenação Pedagógica.....</b>	<b>64</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>



## INTRODUÇÃO

O interesse em uma educação voltada para o idoso, surgiu quando eu estava no 2º período de Pedagogia ao perceber a exclusão social do idoso. Com o passar dos períodos, constatei que o idoso permanecia cada vez mais excluído da sociedade. Entre outros fatores, esta exclusão ocorre devido à sociedade continuar com uma visão tradicional de que o idoso é alguém inútil, isolado, em declínios biológicos e mentais, marcados por um tempo linear, com problemas de saúde, e na maioria das vezes, dependente física e economicamente de alguém.

Com a chegada da velhice, as pessoas passam a pensar sobre o sentido da sua vida. Fazem uma retrospectiva do que fizeram de proveitoso e se reconfortam através disso. Mas, alguns idosos são levados pelo pensamento de culpa, inutilidade e desesperança. Estes se vêem como excluídos da sociedade, pois nesta fase da vida são desvinculados de sua atividade profissional e, não havendo muito que fazer, surge à baixa estima que pode ocasionar a depressão.

A depressão causa alterações, tais como: mau humor, desinteresse pelas atividades diárias, insônia, falta de apetite, desânimo e nos casos mais graves, pode levar ao suicídio. É fundamental, portanto, que os idosos ocupem-se com atividades físicas e mentais, pois a convivência com outras pessoas da mesma idade e a prática dessas atividades faz com que eles se sintam “vivos”, como parte integrante e importante da sociedade.

Ao me questionar sobre essa exclusão social e os efeitos dela no idoso, refleti sobre uma proposta educacional e sobre uma pedagogia que pensasse no problema da exclusão desse idoso. Esta proposta deveria oferecer ao idoso as oportunidades para que o mesmo terminasse a sua formação escolar, intensificasse seus contatos sociais e trocas de vivências, conhecimento e o aperfeiçoamento pessoal, na tentativa de desenvolver novos papéis, preservando sua dignidade.

A partir disso, fui impulsionada a pesquisar se esta educação, descrita acima, existia. Descobrir se os projetos que já existiam em algumas universidades tinham como objetivo uma pedagogia de ressocialização do idoso. Nessa busca, percebi que essa ressocialização é feita através de uma educação permanente que acredita que o ser humano tem possibilidades de aprender até o fim da vida.

A Educação Permanente, que é dirigida ao idoso, visualiza novas vias para redimensionar ações necessárias para que esta parcela da população possa se inserir na sociedade e ter novas perspectivas, dando novo sentido à sua vida.

Tendo em vista tudo isso, este trabalho se justifica pela necessidade de verificar o que a educação permanente oferece ao idoso, assim como pela relevância em se estudar a efetividade deste programa, tendo em vista sua contribuição para valorização, qualidade de vida e inclusão social dos idosos.

[...] Educação é formação do homem, tentando integrá-lo ao social, buscando os fins coletivos. Não uma educação informativa apenas, mas uma educação como processo, enquanto vinculado no seu tempo e na sociedade, ambas em permanente evolução. (LIMA, 2001, p.140).

É dentro desta concepção de Lima que penso numa educação (educação permanente) que vise melhorar a qualidade de vida dos idosos e que almeje a inclusão social destes. Nesse sentido, a problematização para este estudo pautou-se na seguinte indagação: como a implantação e expansão das universidades abertas ao idoso, tendo como utilização a educação permanente, contribui para a ressocialização e motivação - portanto uma melhor qualidade de vida - do idoso? Através de tal problematização, busquei identificar a importância da educação permanente na ressocialização dos idosos.

Cabe ressaltar que a preocupação com a qualidade e intencionalidade da educação, no intuito de modificar o pensamento do homem para garantir uma vida digna, participante e incluída na sociedade, é foco de atenção de inúmeros especialistas. Um mundo globalizado e em constantes modificações nos leva a pensar numa educação, no caso do idoso, que o ajude a

acompanhar as mudanças que ocorrem no decorrer da vida, que o ensine a conduzir seu destino e garantir o exercício de sua cidadania.

A educação vem dar resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas não constitui uma conclusão inovadora, pois há tempos já foi chamada a atenção para esta necessidade de um retorno à escola, a fim de estar preparado para acompanhar a inovação, tanto na vida privada como na vida profissional. É uma exigência que continua válida e adquiriu, até, mais razão de ser. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas das informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos. (DELORS, 1999, p. 11).

Segundo Delors é impossível uma pessoa acumular ao longo da vida conhecimentos e querer apenas com estes resolver todos os problemas que surjam. O mundo passa por constantes transformações e, muitas vezes, o idoso não tem conhecimento para acompanhar essa mudança. Desta forma, o idoso deve ser valorizado pela sua experiência, mas para que ele exerça a sua cidadania neste mundo de mudanças, se faz necessário que ele esteja sempre estudando – no sentido de aprender o que é importante para melhorar a sua qualidade de vida – para que ele seja capaz de criar espaços, de fazer visíveis suas necessidades e lutar pela resolução de seus problemas. E é neste sentido de esclarecer, ensinar e dar suporte ao idoso, que a Educação Permanente se faz necessária.

Para Freire (1980), a educação é um momento do processo de humanização, e devido a isso deve existir o diálogo. Sua concepção de educação libertadora se mostra adequada à formulação da educação para o idoso, visto que na Educação Permanente, esse diálogo se faz presente e é visto – pelo que pude ler e pesquisar sobre o assunto - como estratégia para respeitar o saber que o idoso já traz na sua vida, e com base nesse saber, o professor o ajudará a elaborar seus próprios conhecimentos –a partir dos interesses deste idoso –, a apropriarem-se do que está sendo dialogado e dos conhecimentos alheios, mas, sem serem manipulados.

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura,

não descartou as pessoas concretas com as feições de seus rostos, com o desenho de suas mãos, com a irradiação de sua presença, com suas biografias marcadas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou como obstáculo ao conhecimento objetivo, o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias sem as quais ninguém vive e sobrevive com sentido? Na medida em que avança tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecidos e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?[...] Nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo cuidado. (BOFF, 2004, p. 12).

Leonardo Boff nos fala, pela citação, que o idoso, assim como todo o ser humano, precisa de cuidado, afirmando que cuidar é mais que um ato: representa uma atitude de ocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, perde o sentido da vida e morre.

Portanto, com base nos autores mencionados anteriormente, evidencia-se que o idoso necessita de uma educação permanente, que tem como princípio a valorização, o diálogo, a responsabilidade, o exercício da cidadania; tornando-o mais feliz, já que este é capaz de construir e de se realizar. Portanto, educar os idosos é proporcionar a estes novos níveis de percepção, de conhecimento e de ação.

Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos [...] Sonhamos com o cuidado assumido como o ethos fundamental do humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação. (BOFF, 2004, p.14 -15).

Para verificar como a Educação Permanente contribui para a ressocialização e motivação dos idosos, optei por uma pesquisa bibliográfica, descritiva e do tipo qualitativa, e realizei uma pesquisa de campo na Universidade Aberta a Terceira Idade do Estado do Rio de Janeiro (UNATI), de caráter público e de maior relevância no Rio de Janeiro, que teve como objetivos: Analisar a Educação Permanente na UnATI/UERJ, tendo em vista sua relevância

na ressocialização e motivação desses idosos, assim como verificar a forma pela qual a Educação Permanente propicia o aumento da auto-estima, a valorização do idoso e, portanto uma melhoria na qualidade de vida dos mesmos.

Tendo a pesquisa um caráter qualitativo, utilizei técnicas de observação sistemática, entrevistas e questionários. Foram realizadas entrevistas com os alunos e as coordenadoras pedagógicas e distribuídos questionários para os professores que se dispuseram a ajudar na pesquisa. Também observei algumas atividades dos alunos – apenas nas oficinas em que foi aceita a minha presença.

## CAPÍTULO I

### O IDOSO

Esta pesquisa bibliográfica procurará situar o leitor sobre alguns aspectos do idoso nas sociedades e na Sociedade Brasileira para que, no capítulo III, possa ser dada ênfase à educação que acreditamos ressocializar o idoso, motivá-lo e que leve a motivar a sociedade para uma mudança de pensamento e atitudes, de forma a gerar uma sociedade mais humana.

Portanto, não é um estudo que dê conta da magnitude do tema já que este é muito mais complexo e exigiria um longo tempo para que se pudesse alcançar toda a sua profundidade. Assim, na impossibilidade de tratar o tema com a complexidade que merece, nosso propósito é apontar alguns aspectos do idoso em algumas sociedades.

#### 1.1 Os Estudos de Simone de Beauvoir

Simone de Beauvoir (1990) explana sobre a velhice desde as comunidades primitivas até a sociedade contemporânea. Ela esclarece que a velhice é socialmente construída, por isso a “visão” que temos do idoso varia de sociedade para sociedade e é desta forma que se define o sentido e o valor da velhice, atribuído pelos homens à sua existência e a seu sistema global de valores.

Destacaremos do livro de Beauvoir (1990) alguns exemplos de como era vista a velhice em alguns povos:

##### Najaros

Um velho ignorante é pouco considerado. Respeitam acima de tudo cantores, capazes de conservar e de transmitir a memória das tradições: contos, ritos, cerimônias, danças, formulas [...] os velhos cantores são, portanto, duplamente poderosos: pelo número de anos de vida e pela ciência. São os membros mais ricos da comunidade. Situam-se no mais alto grau da escala social. (p.83).

### Tivis

Entre os tivis, é a contribuição cultural dos velhos a fonte de seus privilégios [...] os que fazem bons julgamentos, que falam bem, que conhecem a genealogias e os rituais são encarados como sábios e conduzem o povo. Eles “sabem das coisas” e controlam as forças mágicas [...]. (p.86-87).

### Incas

De maneira geral, os homens idosos eram temidos e obedecidos. Podiam aconselhar, ensinar, dar bons exemplos, pregar o bem, ajudar no serviço do deus. Serviam como guardiões das mulheres jovens. Tinham o direito de chicotear meninos e meninas, se estes não se mostrassem dóceis. (p. 95).

### Bali

Conta-se, em Bali, que outrora, numa aldeia perdida nas montanhas, os velhos eram sacrificados e devorados. Numa certa época, não restava mais um só deles, e as tradições se perdiam. Quis-se construir uma grande sala para abrigar o Conselho. Entretanto, examinando os troncos de árvores abatidas para esse fim, ninguém soube distinguir a parte do alto da de baixo: poderiam desencadear-se catástrofes se fossem invertido o sentido dos pedaços. Um jovem disse que, se lhe prometessem não mais comer os velhos, ele saberia resolver o problema. A promessa foi feita. O jovem trouxe seu avô, que conservara escondido e que ensinou à comunidade a distinguir a parte de baixo da do alto. (p. 96).

Beauvoir (1999) conclui que “[...] a opção mais habitual das sociedades agrícolas ou nômades cujos recursos são insuficientes, é a de sacrificar os velhos”. (p.101).

Observamos pelas citações de Beauvoir, que através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus idosos, ela mostra seus princípios e seus fins. Assim, as práticas adotadas pelos primitivos com relação aos idosos são diversas: matá-los (devorando, sacrificando ou afogando), deixar que morram, conceder-lhes um mínimo vital, assegurar-lhes um fim confortável, honrá-los ou acumulá-los de atenção.

Dependendo da sociedade os idosos eram valorizados pela magia, religião, memória (tradições, conselhos, decisões políticas) técnicas, ciência ou ideologia.

Beauvoir (1990) chama a atenção para o drama do envelhecimento que dependendo da época e comunidade é aclamado, respeitado ou desprezado. Nesse mesmo estudo, ela nos

relata a velhice nas sociedades históricas e demonstra como a velhice no Egito (em certa época) era considerada o pior infortúnio que poderia se infligir a um homem: muitos idosos eram motivos de escárnios.

A autora destaca um ponto positivo para os idosos: a contribuição da igreja que criou, a partir do século IV, asilos e hospitais. Em Roma e Alexandria eram garantidos os sustentos dos órfãos e doentes. Considerava a esmola um dever, lembrando-o insistentemente.

Segundo ela, a velhice era, em muitas das antigas cidades, uma qualificação. Mas, enquanto valor individual, ela não era amada. Isto ficou testemunhado pelos poetas da época em seus poemas. No século XV, a situação dos velhos, em todos os setores da sociedade aparece como extremamente desfavorecida. Tanto entre os nobres quanto entre os camponeses, a força física prevalecia e os fracos não tinham lugar.

Contraopondo a essas visões, em algumas sociedades, os idosos eram privilegiados quando sua condição estava ligada ao regime de prioridades. Os idosos eram privilegiados também pelos autores dos livros santos que consideravam a longevidade como uma recompensa suprema da virtude. Esse privilégio é visto nos provérbios da época: “Os cabelos são uma coroa de honra: é no caminho da justiça que essa coroa é encontrada” (apud Beauvoir, 1990, p.115).

Um fato interessante mencionado por Beauvoir, é que ao fim da Idade Média, a vida permanecia precária e a longevidade rara. Quando, em 1380, Carlos V morre com 42 anos, tem a reputação de um sábio velho.

Nos séculos XIV e XV, para o cristão convicto, a velhice é o momento de assegurar a salvação, mas a idade avançada não é particularmente valorizada.

Do Egito ao Renascimento, vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada. Os clichês se perpetuam e Beauvoir afirma que isto se dá em parte porque o idoso sofre um imutável destino biológico. Mas, também, não é visto como sendo



agente da história. Desta forma, a questão do idoso não é interessante para análises, portanto, não se dão o trabalho de estudá-lo.

Uma exceção ocorre no início do século XVII, quando Shakespeare escreve O Rei Lear, decidindo encarnar num velho o homem e seu destino.

No Século XIX, a Europa se transforma: as mudanças produzidas têm influência considerável na condição dos idosos e na idéia que a sociedade faz da velhice. Segundo Beauvoir, o primeiro fato que é preciso notar é que, em todos os países ocorre um impulso demográfico, resultando assim em certas classes da sociedade um aumento no número de idosos. Esse crescimento, ligado ao progresso da ciência, leva a substituir os mitos da velhice por um verdadeiro conhecimento. E é este saber que permite à medicina tratar das pessoas idosas e curá-las.

No século XX, junto com a continuidade da urbanização da sociedade, vem também a noção de descrédito da experiência. A sociedade tecnocrática não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acaba perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados:

Minoritários, improditivos, o destino deles dependeu dos interesses da maioria ativa. Quando esta desejava evitar entre seus membros rivalidades anárquicas ou manter a ordem estabelecida, convinha-lhe escolher, como intermediários, árbitros, ou representantes dos homens de uma espécie diferente, e cuja autoridade ninguém questionaria: os velhos eram inteiramente indicados. Por vezes eles detinham um poder real; outras vezes, representavam o papel, em certos cálculos, os números imaginários: indispensáveis ao desenvolvimento das operações, uma vez que obtido o resultado, eles são eliminados. (BEAVOUIR, 1990, p.261).

Visualizamos através da citação que a ideologia da classe dominante dirige os comportamentos de cada época, ou seja, quando a classe dominante é governada ou influenciada por pessoas idosas (seja por suas religiosidades, riquezas, etc.), a estas é atribuído valor no que se refere a sua idade. Desta forma, os idosos foram poderosos na China hierárquica, em Esparta, nas oligarquias gregas, em Roma (até o séc. II a.C.).

Ao falar de velhice na sociedade contemporânea, Beauvoir, diz que a classe dominante impõe às pessoas idosas seu estatuto e a população ativa se faz cúmplice dela e se acomoda com a situação dos idosos. A sociedade, os filhos e netos não se esforçam para abrandar o destino dos seus antecedentes. Isto é devido a não conseguirem se reconhecer no outro, visto que estão impregnados de um pensamento que compara velhice à repugnância biológica e fingem que não existe velhice, não querem “Ver” o que não querem “Ser”.

[...] A partir do século XIX, esses velhos tornaram-se numerosos, e ela não pôde ignorá-los. Para justificar sua selvagem indiferença, foi obrigada a desvalorizá-los. (BEAVOUIR, 1990, p. 263).

A citação expõe como o idoso é descartado e a autora comenta que as classes mais favorecidas começam a se interessar um pouco mais pelo idoso – depois do séc. XIX – mas como objeto de exploração, por meio de casas de repouso, residência para “cuidar” deles e até mesmo cidades, especialmente nos Estados Unidos e França.

A respeito de pensões, a mesma autora cita alguns regimes de assistência que pressupõem que a velhice é equivalente a uma invalidez e a aposentadoria a um auxílio concedido a necessitados. Com a pobreza, a falta de condições para cuidarem da saúde, os idosos, são levados a se isolarem e a solidão agrava a situação destes. Isto se torna mais constante, visto que a urbanização da sociedade faz a desintegração da família, devido ao problema de habitação. A pessoa idosa – na maioria as mais pobres – que ficavam com a família, começa a não ter mais espaço, quando este ambiente abriga três gerações.

A este respeito Beauvoir comenta:

Na vida do homem, a aposentadoria introduz uma radical descontinuidade; há ruptura com o passado; o homem deve adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens – descanso, lazer – mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação. (1990, p.325).

Essas mudanças trazem tristezas da separação, sentimentos de abandono, de não fazer mais parte da família, de ser inútil; por vezes leva a suicídios. Durkheim foi o primeiro a

levantar estatística a despeito de suicídios. No período de 1889 e 1891, ele mostrou que é muito mais elevado o suicídio de homens que o de mulheres, e que estes suicídios aumentam a partir dos 40 aos 80 anos – não podemos nos esquecer que em certas épocas, 40 anos já era considerado idoso, devido a pouca expectativa de vida –. (DURKHEIM apud BEAUVOIR, 1990, p. 340 –341).

Quando o idoso tem que se adaptar a inovações, ele termina pondo em questão tudo o que ele fez e os sentimentos que surgem nele – segundo Beauvoir – são os de se estar no exílio. Por isto, ele precisa de tempo e de pessoas que o ajudem a compreender estas inovações: umas ele vai aceitar e outras não, já que irá, provavelmente, romper seus princípios e suas convicções.

A autora afirma que a decadência senil sempre dependeu da classe a qual se pertence e acusa a sociedade de só se preocupar com o indivíduo que rende lucro. Diz que os jovens sabem disso e que é preciso compreender o que é a condição de idosos. Afirma ainda que não podemos nos contentar em reivindicar uma política voltada para o idoso apenas como mais generosa, e com uma elevação de pensões, habitação, pois para ela todo o sistema deve mudar.

Ai está o crime de nossa sociedade. Sua “política da velhice” é escandalosa. Mais escandaloso ainda, porém, é o tratamento que inflige à maioria dos homens na época de sua juventude e maturidade. A sociedade pré-fabrica a condição mutilada e miserável que é o quinhão deles na última idade. É culpa dela que a decadência senil começa prematuramente, que é rápida, fisicamente dolorosa, moralmente horrível porque esses indivíduos chegam a ela com as mãos vazias. Explorados, alienados, quando a força os deixa, tornam-se fatalmente “refugos”, “destroços”. (1990, p.663).

Obtemos com a obra de Beauvoir, e a citação por ela feita, o pensamento de que uma sociedade para ser justa tem que dar condições em todas as etapas da vida, ver o ser humano como completo, não apenas privilegiando uma ou outra fase, mas todas, lembrando que a questão da velhice se acha muitas vezes silenciada e é por isso que é importante romper este silêncio, visto que vivemos, e somos seres que devemos ser tratados com respeito, com

humanidade. Beauvoir em uma frase transmite a importância da questão da velhice quando diz que não encará-la seria negar o próprio destino.

## 1.2 Os Estudos de Goldman

Goldman (2003) segue a linha de pensamento de Beauvoir, afirmando que a velhice é socialmente construída e que é um fenômeno que percorre toda a história da humanidade, mas apresenta características diferenciadas de acordo com a cultura, o tempo e o espaço:

[...] o envelhecimento, enquanto fenômeno social em toda a sua complexidade, há que ser compreendido de forma multidisciplinar, como resultante de um conjunto de determinantes econômicos, sociais, políticos e ideológicos que ocorrem na correlação de forças e contradições engendradas pelo modo de produção capitalista [...] (GOLDMAN, 2003, p. 28).

A autora também concorda com Beauvoir ao ressaltar a questão da posição social do idoso. Ela menciona que os idosos que estão numa classe social mais elevada – com um certo poder aquisitivo – podem usufruir alguns privilégios, tais como: apart-hotéis, casas geriátricas ou ficam em casa com pessoas especializadas. Enquanto nas camadas mais pobres o idoso tanto pode ser um “estorvo” para a família fazendo com que este venha a assumir a sua velhice sozinho, como também o idoso pode representar a única fonte de renda: aposentadoria, pensões e em alguns casos até o reingresso ao mercado de trabalho, para manter as despesas familiares, sendo valorizados por isso.

Goldman menciona que um dos problemas dos idosos pobres é a questão da habitação, pois não há espaço numa casa pequena e de família sem recursos para abrigar muitas pessoas, com isso, o idoso – em alguns casos por ele mesmo – se vê pressionado a deixar a família e ir para um asilo. A autora faz uma crítica, dizendo que esta desagregação ocorre, entre outros fatores, por causa de “uma política esfacelada e um empobrecimento crônico, devido ao modelo centralizador de renda” (2003, p. 30).

Cita-nos ainda que a desvalorização da aposentadoria e pensões e os constantes aumentos no custo de vida (remédios, planos de saúde, etc.) contribuem para agravar o problema econômico dos idosos, visto que o custo de vida aumenta, mas os benefícios destes não acompanham este gasto.

Vemos que tanto na classe social mais privilegiada quanto na menos –na qual vê os idosos como “estorvo” – as famílias se afastam do idoso e este fica fragilizado em seu aspecto afetivo. Constatamos que na sociedade contemporânea, tanto quanto na moderna, a sociedade se preocupa em primeiro lugar com aqueles que lhe são rentáveis, uma cultura do imediatismo, deixando agravar a situação daqueles que hoje se fazem presentes como idosos e daqueles que ainda virão a ser. Assim as sociedades sob a lógica do capital, tendem a transformar pessoas em mercadorias e no caso do idoso a condição é de mercadoria descartável.

A situação da população idosa é duplamente penosa: no aspecto quantitativo, na medida em que o aumento desse segmento não foi acompanhado pelo aumento de serviços. Já no qualitativo, o acesso à informação, a informatização e aos avanços tecnológicos tendem a ser concedido às faixas mais jovens que se inserem na força-de-trabalho. (GOLDMAN, 2003, p. 34).

Ao lermos esta citação de Goldman, precisamos nos lembrar que ela está se referindo aos idosos das classes populares. Não generalizando, mesmo os idosos das classes mais privilegiadas são poucos participantes no que se refere à tecnologia, já que a sociedade está impregnada do pensamento que a velhice está associada à morte. Então, no caso destes idosos, eles tendem a pensar em investir na sua saúde e não em alguns estudos a respeito das novas tecnologias.

Percebemos por meio das obras de Beauvoir e Goldman, que a velhice como categoria socialmente construída tem sido vista e tratada de maneira diferente, de acordo com as épocas, a cultura, a economia e a política de cada grupo. Foi necessário fazer estas análises para podermos falar da “visão” da Sociedade Brasileira a respeito dos idosos, para podermos

compreender o porquê das concepções e visões com relação ao segmento idoso e as conseqüências problemáticas na vida destes. Ressaltamos que as transformações nas sociedades, não permitem um conceito absoluto de velhice no que diz respeito ao valor dado ao idoso, e por isso mesmo, há sempre uma possibilidade de revertermos uma visão negativa que uma sociedade possa ter sobre o envelhecimento, de forma que o que é negativo, pejorativo, se torne positivo, construtivo e tragam benéficos a todos.

## CAPÍTULO II

### O IDOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

#### 2.1 Causas e Números Sobre o Envelhecimento

Vimos no início do primeiro capítulo, que Beauvoir relata que no século XIX começou a ocorrer em todos os países um impulso demográfico que resultou no aumento do número de idosos (da classe privilegiada, a princípio).

Carvalho (1998) cita alguns pontos que levou a esse aumento:

Os avanços na medicina, o diagnóstico precoce e a prevenção de determinadas doenças, a ampliação das possibilidades de acesso aos serviços de saúde, a generalização dos serviços de saneamento básico, a alteração nos hábitos alimentares e de higiene, a prática de exercício físico, dentre outros fatores, contribuíram decisivamente para o aumento da “esperança de vida”. (CARVALHO; ALMEIDA et al, 1998, p. 14).

Com o envelhecimento ocorrem transformações demográficas, biológicas, sociais, econômicas e comportamentais. Quando a expectativa de vida é aumentada, é necessário também que cada vez mais seja dada qualidade de vida nesta longevidade. Carvalho expõe isto, pois, ao mencionar a “esperança de vida” se referia não apenas aos avanços que proporcionariam uma vida longa, mas a qualidade que teria esta vida e o fundamental: a não distinção de quem poderia ou não pagar para ter acesso a essa qualidade.

Segundo Goldman (2003) as condições objetivas de vida da população tais como: avanços nas áreas de saúde, saneamento básico, tecnologia e ambiental; interferem diretamente sobre o envelhecimento, tanto no que diz respeito à quantidade de anos vividos, quanto na qualidade oferecida aos que envelhecem por meio de políticas sociais, principalmente nas áreas de saúde, previdência e assistência. Ela nos chama a atenção para as especificidades deste envelhecimento que são marcadas por: posição de classe social, pela cultura, pelas condições sócio-econômicas e sanitárias individuais ou coletivas da região.

Segundo previsões da ONU, por volta de 2050, pela primeira vez na história da humanidade, o número de pessoas idosas será maior que o de crianças abaixo de 14 anos – isto se o envelhecimento mundial continuar acelerado – indicando que a população mundial deverá ir para 2 bilhões e o número de idosos deve triplicar para 6 bilhões, significando 25% de pessoas no planeta.

Na virada do século, a expectativa de vida se ampliou de 50 para 80/90 anos e a duração máxima da vida atualmente é de cerca de 120 anos (VIEIRA, 2005, on line). Estima-se que até 2025, ocorrerá um aumento de 30% na população de idosos.

Estudos sobre o envelhecimento no Brasil informam que o país também está tendo um crescimento acelerado da sua população idosa – 60 anos ou mais –. Há estimativas das Nações Unidas que indicam que o Brasil deverá em 2025, ter um contingente de aproximadamente 32 milhões de pessoas idosas e ocupará o sexto lugar no mundo neste segmento populacional, precedido apenas por: China, Índia, Rússia, Estados Unidos e Japão.

Com base nestes fatos acima mencionados precisamos nos conscientizar que estamos perdendo o rótulo de “País de Jovens” e passarmos a ter mais respeito pelo segmento idoso e desvincular a imagem deste de estereótipos, se quisermos que futuras gerações de idosos – incluindo a nossa – sejam respeitadas como pessoas e tenham condições dignas de vida. Faz-se necessário que se desenvolvam políticas públicas que atendam às demandas dos idosos, no que diz respeito à educação, assistência social, assistência médica, entre outras.

## **2.2 O Idoso e a Sociedade Brasileira**

A população idosa brasileira cresce a cada dia. Junto com este crescimento, vem as dificuldades e as necessidades de adotar soluções eficientes junto aos órgãos públicos, com o objetivo de uma melhor qualidade de vida e de dignidade. Isto ocorre porque o Brasil ainda



não se conscientizou totalmente de que o País está envelhecendo, visto que permanece uma exagerada valorização da juventude pela sociedade moderna.

Segundo Borges (2003), a questão social do envelhecimento no Brasil não tem uma visibilidade maior devido às contradições regionais e a desigualdade social – injusta distribuição de renda – que estão presentes em todas as etapas da vida, dificultando a vivência real da cidadania por parte dos brasileiros. A autora ressalta que essa luta – pela cidadania e por direitos básicos tais como: educação, saúde, emprego, etc. – começa na infância, passa para a adolescência, juventude e idade adulta. Sendo assim, se a sociedade brasileira não deu oportunidades para as pessoas nestas fases da vida, se torna mais fácil negligenciá-las quando estas estão na Terceira Idade.

A respeito dessas dificuldades de se ter uma vida digna, Silva (1996) em seu artigo “Envelhecer no Brasil: uma aventura!” Nos apresenta criticamente a trajetória de vida de uma pessoa, desde o nascimento, infância com suas doenças infecto-contagiosas; a adolescência com a dificuldade de um bom ensino formal ou profissionalizante, além das drogas e o crime. Na fase adulta, tem dificuldades em sustentar a família. Na fase madura, ocorre a dificuldade com a burocracia de se aposentar e já na velhice, quando se vê sozinho – viúvo ou separado dos filhos ou parentes que cuidem dele – resolve ir para um asilo. Silva afirma: “para se viver neste País é preciso ser herói” (1996, p.46). Isto porque conseguimos superar as dificuldades nas primeiras etapas da vida, sem que ninguém preste muita atenção na existência destas dificuldades, mas, na velhice estas são notadas, principalmente nas classes menos favorecidas.

A inexorável ação do tempo, porém temperada pelo sabor da liberdade democrática antes tolhida, faz emergir, a princípio de modo insidioso, mas depois com força total, a questão do idoso em nosso país. (SILVA, 1996, p. 49).

A citação de Silva nos faz compreender as dificuldades e provações que passamos em outras fases da vida e que ao chegarmos à velhice onde deveríamos ser recompensados, somos

desprezados e é justamente nesta etapa que vem à tona as desigualdades e o descaso com o cidadão brasileiro, mostrando a insensibilidade por parte da sociedade.

Goldman (2003) nos relata que “as condições da sociedade brasileira tornam difícil compreender de que modo é possível atender às demandas sociais numa política recessiva, que permite avanços científicos e tecnológicos, mas não resolve problemas básicos de sobrevivência” (p. 19). A autora ressalta que é dramático o quadro da implementação de políticas sociais que diminuam os efeitos do envelhecimento na população.

A crise na rede pública, exemplificando a saúde, a previdência, a falta de investimentos mais eficientes em educação, denuncia o abandono em que estão as classes menos privilegiadas, especialmente na terceira idade. O aumento da população acarretará um maior gasto em investimento por parte do governo que não tem resolvido problemas antigos e está gerando uma “bola de neve”, visto que não adianta ter uma vida longa, se não se tem uma boa qualidade de vida.

A esse respeito Goldman (2003) confirma a existência de uma contradição no aumento da perspectiva de vida, pois, de um lado, temos o progresso que traz consigo as conquistas médico-sanitárias e a investigação de intervir no processo de envelhecimento. Entretanto,

a população que alcança uma idade mais elevada encontra dificuldades em se adaptar às condições atuais de vida, pois, além das dificuldades físicas, psíquicas, sociais e culturais decorrentes do envelhecimento, sente-se relegada a plano secundário no mercado de trabalho, no seio da família e na sociedade em geral. (p. 29).

A autora diz que essa contradição é agravada por fatores culturais que idolatram o novo e ridicularizam o antigo:

[...] o idoso se depara com problemas de rejeição da auto-imagem e tende a assumir como verdadeiros os valores da sociedade que o marginaliza. Dessa forma a marginalização social é muitas vezes assumida pelo próprio idoso que, não tendo condições de superar as dificuldades naturais do envelhecimento, se deixa conduzir por padrões preconceituosos que o coloca à margem da sociedade. (2003, p. 29).

Por meio da citação percebemos que o próprio idoso é naturalizado a aceitar a sua situação de marginalizado, visto que o que é valorizado é o belo, o forte e cabem aos idosos – na concepção da sociedade – se resignarem as suas mazelas.

### **2.2.1 O valor dado à velhice brasileira**

Nossa sociedade nunca se preocupou – visivelmente – com o envelhecimento, pois, como já mencionado nossa cultura valoriza muito a juventude; pelo seu histórico de País jovem e, sobretudo, por conta de recentes estudos que apontam o grande potencial de consumo dos adolescentes.

Segundo d’Alencar, a discriminação pela idade é orientada pelo objetivo do lucro e ela exalta valores visualizados na juventude. Avalia-se assim, o homem por sua vinculação com o trabalho, importando a força, o vigor físico e a capacidade de produzir:

Essa forma jovem de ver a vida, configurada no amplo imaginário social, está materializada, sobretudo nas propagandas, novelas, filmes e no apelo maciço ao consumismo. Esta situação acaba criando resistência para revisar concepções, representações, saberes e práticas, socialmente aceitos e incorporados sobre as particularidades e necessidades físicas, emocionais e psicológicas dos chamados idosos (D’ALENCAR, 2005, on line).

A autora em seu artigo “A fabricação social do idoso e o papel da educação” nos mostra que somos condicionados, no nosso cotidiano, pelas mídias e campanhas de marketing a vincular a alegria e o prazer apenas à juventude. A mesma autora faz uma ponte com Beauvoir ao dizer que essas características são construções sociais que vão além da semântica e traduzem valores e representações vigentes na sociedade.

A citação de d’Alencar nos “abre os olhos” para a sociedade onde a juventude ocupa um lugar central, onde vivemos como se nunca fôssemos envelhecer. É o mito da eterna juventude, as valorizações do culto à beleza, à aparência jovem e os próprios idosos não

aceitam ou negam a sua velhice e esta reação está sendo usada como forma de fazer os idosos consumirem alguns produtos que têm por finalidade retardar o envelhecimento, “ajudando-os” a afastar os sinais aparentes de sua idade.

A mídia atua no sentido de estimular o consumo de produtos e ela já percebeu que o número de idosos deve ser aproveitado como “bons” pois serão futuros consumidores – empréstimo para o aposentado, plano de saúde, turismo, etc. Ainda na cultura do lucro e não da humanização, o idoso começa a ser visualizado em algumas iniciativas, em publicidade em que ele é apresentado de maneira mais respeitosa.

Com relação a essa visão, Morin citado por Almeida (2003) nos relata que:

O ancião prudente converte-se no velhinho aposentado [...] os modelos de identificação, as funções da família e do homem maduro, transferiram-se para outro lugar: os olímpianos de carne e osso, os heróis imaginários da cultura de massa apoderaram-se de funções que tradicionalmente eram realizados pela família e antepassados. O novo modelo é o homem em busca da realização de si através do amor do bem estar, da vida privada. É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ser sempre jovens, para amar-se sempre e para gozar sempre do presente (p.42).

Faz-se necessário uma mudança na visão negativa que a sociedade tem sobre o idoso. Não se trata apenas dele, mas, de toda a sociedade que, com sorte, chegará à terceira idade e só assim saberá reconhecer a importância de levantarmos a bandeira desta causa: o bem-estar social.

Diante da mudança de visão negativa da sociedade em relação ao idoso, Beauvoir afirmar que:

[...] É concentrando esforços no destino dos mais desafortunados que se chegar a abalar uma sociedade. Para demolir os sistemas das castas, Gandhi atacou o problema da condição dos párias; para destruir a família feudal, a China Comunista emancipou a mulher. Exigir que os homens permaneçam em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixariam o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada a um mandarinato que conduzem a essas velhices desumanizadas. Elas mostram que é preciso retomar tudo,

desde o início. É por isso que a questão passa cuidadosamente em silêncio [...] (1990, p. 14).

Mesmo na nossa sociedade que vê o idoso de forma equivocada, esta visão pode ser mudada, pois, como já foi citado, é uma questão cultural. A mudança de atitudes não ocorre rapidamente, mas ela ocorre e acreditamos que só conseguiremos isso por meio de uma educação que sensibilize os próprios idosos (para que estes tenham uma nova perspectiva de envelhecimento) e também por uma educação que inicie sua transmissão de valor do idoso para as crianças, já nas séries iniciais, para que estas o vejam de forma respeitosa, positiva e próxima a elas, visto que elas poderão também envelhecer.

Segundo Veras (2003), a questão do idoso exige uma política ampla e articulada entre os vários órgãos de governo, assim como entre os vários segmentos profissionais da nossa sociedade – médicos, assistentes sociais, pedagogos, policiais, entre outros –, assim como Ongs, visto que passamos anos sem dar atenção ao crescimento da população idosa, cuja situação se agrava pela recusa e por não nos prepararmos para a realidade que exige reformas em todos os setores.

Este é o grande desafio: mudar conceitos já enraizados, incorporados as novas tecnologias, aprender a “falar” em recursos financeiros e levar o conhecimento da saúde coletiva para o interior da rede de assistência médica, além da necessidade de viabilizar uma política de saúde para um país com demandas crescentes [...] (2003, p. 14).

A velhice, como categoria socialmente construída, pode sofrer transformações com a prática de uma educação que pregue a humanização, a cultura da tolerância, o respeito às diferenças, onde o ser humano seja valorizado independente da sua idade.

Entendemos os idosos como sujeitos históricos e, como tal, criadores e criaturas da sociedade da qual fazem parte. E enquanto vivem, continuam a aprender permanentemente e repassando o que sabem para a sua e para as demais gerações [...] (GOLDMAN, 2003, p. 75).

Com a citação de Goldman, visualizamos que o idoso deve ser respeitado em toda a sua totalidade, a ele não deve ser negado nenhum dos seus direitos como cidadão. Como já mencionamos, mudar de atitudes não é tarefa fácil, mas, com a ajuda dos segmentos profissionais e no caso específico do educador – pedagogo – poderemos buscar a implantação de uma educação para a cidadania, que considere não o ser humano por etapas, mas por completo. Pois, como ficou demonstrado no artigo de Silva (1996), se desde a infância fossem divulgados pensamentos voltados para a valorização do ser humano, saberíamos visualizar a velhice como o somatório de experiências que serão aproveitadas em benefícios das novas gerações e não como uma decadência ou um castigo.

Nesta perspectiva, cabe à educação o papel de ressocializar o idoso e possibilitar enquanto não há uma mudança total de pensamento, primeiro a aceitar-se, e motivá-lo a fazer projetos de vida e não de morte. Neste ponto, a Educação Permanente se faz relevante, sendo empregada em algumas universidades abertas à terceira idade. Pensamos que esse seja o primeiro passo – utopicamente – para a implantação desta educação nas escolas de ensino fundamental ao médio, produzindo pessoas – desta e das próximas gerações – que prezem a ética, a dignidade e sejam mais conscientes da importância e do valor da vida, indiferentes da idade. Esperamos uma mudança de paradigma que gere uma melhor qualidade de vida para todos, que rompa com preconceitos e estereótipos e confiamos que a Educação Permanente seja o caminho para esta mudança.

### CAPÍTULO III

#### ASPECTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO PERMANENTE

Alguns autores (Liberato, 1996, Coelho e Lacaz-Ruiz, 2004) costumam denominar educação permanente e educação continuada como conceitos semelhantes.

Liberato (1996) chama de Educação Permanente a educação que se processa no decorrer da vida toda e a educação continuada segue na mesma linha, como aquela que se volta para a democratização do conjunto do sistema educativo e possibilita que as pessoas em qualquer faixa etária tenham oportunidades educacionais formais ou não.

Já Coelho e Lacaz-Ruiz (2004), conceituam as duas educações da mesma forma. Afirmam que ambas têm “o significado de educação integral, total, que abrange a existência e as possibilidades do ser humano, sem ter implicações com seu desenvolvimento técnico ou profissional”. (on line)

A UnATI (Universidade Aberta a Terceira Idade), assim como Furter (1992), trabalha com o termo Educação Permanente, visto que a compreende como uma educação mais abrangente do que a continuada. Para ambos, o ser humano não para de evoluir, está em crescente construção, assim sendo, o ser humano deve ser visto em todos os seus aspectos, por isso mais do que uma educação continuada, o indivíduo precisa de uma educação que o auxilie a viver num mundo de rápidas mudanças – políticas, tecnológicas, etc. –, que o ajude a se compreender, não o reduzindo apenas ao conhecimento profissional, ou de aperfeiçoamento, mas mostrando todo o conhecimento possível, com o objetivo de este indivíduo ser estimulado não só a conhecer, aprender, mas a ser.

Portanto, para fins deste trabalho, será a Educação Permanente a abordagem explorada.

### 3.1 Sobre a Educação Permanente

Uma Comissão Internacional da Educação para o século XXI, a pedido da UNESCO, apresentou o relatório Jacques Delors, divulgando fatos sobre a educação e uma contribuição de especialistas do mundo. Estes especialistas concluíram, a respeito da educação, que:

[...] frente aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, às incompreensões, às opressões, às guerras [...] (DELORS, 1999, p. 11).

Nesse relatório, as idéias vão da educação básica à universidade, e expressam o desenvolvimento humano como sendo essencial. Entende a educação como algo que deve se desenvolver ao longo de toda a vida. Para que isso ocorra, cabe a educação se sustentar, segundo o mesmo relatório, sobre quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e fundamentalmente aprender a ser. Sendo importante salientar, que estes pilares estarão presentes no percorrer de toda a vida do homem, tendo como objetivo uma educação permanente.

A Comissão centrou suas idéias no respeito ao ser humano e seus direitos, assim como na construção do homem em prol de sua promoção e de seu desenvolvimento e da compreensão mútua entre os iguais.

Nos anos 60 do século XX, surgiu o movimento de formação permanente em meio a um contexto de ruptura do sistema escolar e da defasagem da lógica da acumulação e fragmentação dos conhecimentos. Tais idéias apareceram pela primeira vez de forma sistemática num relatório intitulado Aprender a Ser publicado pela UNESCO. E apesar de todas as limitações posteriores, o conceito de educação permanente continua a definir o



homem como um ser que nunca está acabado e que devido a sua inserção numa sociedade de mudanças este necessita de uma educação permanente.

A UNESCO focaliza que a Educação Permanente se refere a todas as formas e tipos de educação recebida por aqueles que deixaram a educação formal em qualquer momento e que ingressaram no mercado de trabalho, assumindo responsabilidade de adulto. Esta educação é entendida como um processo contínuo por toda a vida de uma pessoa considerando a evolução permanente das capacidades, motivações e aspirações, que variam segundo a idade e o quadro no qual o indivíduo se coloca nos diferente período de sua vida. Sendo assim, esta educação é vista como um processo de longa duração, que começa com o nascimento do indivíduo e se prolonga por toda a sua vida. Desta forma, aprender é possível em todas as idades, inclusive na velhice.

“Por todas estas razões, parece impor-se, cada vez mais, o conceito de educação ao longo de toda a vida, dada as vantagens que oferece em matéria de flexibilidade, diversidade e acessibilidade no tempo e no espaço. É a idéia de educação permanente que deve ser repensada e ampliada. Ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, aos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão”. (DELORS, 1999, p. 18).

Percebe-se pela citação de Delors, que é importante para a evolução do ser humano que ele esteja a par dos conhecimentos que serão necessários para ajudá-lo no seu cotidiano, assim como para enfrentar as constantes mudanças, que são rápidas e muitas vezes a educação formal não pode dar conta delas. Não importa se o indivíduo é formado em uma carreira ou se já tem alguma profissão, o importante é saber que sempre há o que se aprender, que o conhecimento nunca é demais e é uma peça fundamental para as pessoas não se sentirem excluídas nesta sociedade. É necessário, portanto, atualizar o conceito de educação ao longo

da vida, para que assim, possam ser dados a cada indivíduo os meios para poderem usufruir oportunidades oferecidas por uma sociedade.

Furter (1979) nos afirma que “o homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte”. Em seu livro *Educação e Reflexão*, o autor nos adverte que já não tem mais sentido dividirmos a vida em duas fases, uma em que nós aprendemos (infância até adolescência) e outra onde vamos usufruir o que aprendemos (maturidade), isto porque o adulto continua sempre aprendendo. Furter reafirma esta advertência em 1992, ao expor:

[...] deve ser eliminada a idéia de que existem, na vida humana, dois períodos diferentes. Um primeiro que vai até a maturidade, em que o homem deve aprender; um segundo, uma vez a maturidade adquirida, em que o homem irá usufruindo da formação recebida. (FURTER, 1992, p. 128).

Esta citação se torna importante ao passo que este trabalho defende a educação permanente, visto que como nos cita Furter, a educação não é apenas para uma, ou duas fases da vida, mas para todas as fases.

Percebemos que a educação permanente é uma oportunidade oferecida a qualquer pessoa que deseja enriquecer sua cultura ou sua produtividade, independentemente de sua idade. Esta educação responde pedagogicamente às mudanças profundas que ocorrem em nosso mundo.

A necessidade de uma educação contínua que seja uma constância na vida humana e permita viver plenamente o nosso mundo planetário, não pode ser preenchido por um simples prolongamento da educação, nem por um maior alastramento do campo escolar. Deve tomar a forma de uma <<educação permanente>> a partir da qual deverá ser pensada toda a educação e que obrigará os educadores a inventar novas técnicas e novos métodos adequados. (FURTER, 1992, p. 127).

Furter (1992) define a Educação Permanente como uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto

da vida social global que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo. E tem por finalidade redefinir toda a educação, de maneira que seja, sempre, desde o início da escolarização, pensada como uma educação permanente, obrigando-nos a repensar a educação inteira e inspirando-nos na tarefa pedagógica deste século: socializar o educando – o indivíduo deve estar preparado para viver em constantes transformações, assim precisa-se reformular uma educação para o desenvolvimento – e reeducar a sociedade – reeducar quem está formado, seja porque deve mudar de profissão, se porque necessitar se recicla, a repensar o que está fazendo –.

Segundo o mesmo autor, a educação permanente será a maneira de se preocupar pedagogicamente com a vida cultural de uma nação, assim como, será uma maneira radical de responder pedagogicamente às mudanças profundas que ocorrem em nosso mundo. Estas mudanças se exprimem, de um lado, pelo conceito antropológico de maturação – a antropologia moderna chegou à conclusão de que o homem é um ser em contínua maturação, superando a idéia de que o homem a partir de uma certa idade não pode mais se modificar, nem aprende nada de novo – e, de outro, pelo conceito socioeconômico de desenvolvimento rápido – com a acelerada mudança econômica e da sociedade não basta apenas implantar uma educação permanente, deve-se dar o mínimo de condições técnicas, econômicas, sociais e políticas; sua implementação exige reformular todas as bases para ter o máximo de êxito –.

Por meio da Educação Permanente, será dada a oportunidade, como Furter mesmo nos mostrou, para aqueles que não puderam continuar estudando, assim como, será o caminho para aqueles que querem se aperfeiçoar, mudar de profissão, ou adquirirem mais conhecimento cultural. Ela dará ao homem a possibilidade de interagir com o mundo, de se sentir livre e consciente do que faz. A educação é um direito do homem e cabe a ele saber lutar e usufruir deste direito.

Nesta perspectiva, concordo com o Furter na concepção de que a educação deve ser entendida como uma tarefa que contínua e constantemente o homem deve realizar em todas as situações em que esta vivendo.

Já Collet (1976) define a Educação Permanente como:

[...] um processo contínuo de desenvolvimento individual que se realiza, não só na escola, mas em todos os setores da sociedade, que tenham, de algum modo, função educativa e que se integra nos projetos de desenvolvimento sócio-cultural de um determinado país ou região. (1976, p.23).

Essa definição nos remete a idéia de educação como necessidade permanente, onde a educação é empregada como forma de dar respostas aos desafios da sociedade, visto que a sociedade sempre está em evolução. Collet (1979) afirma que a educação formal, mesmo a melhor, não é suficiente para o indivíduo viver o resto de sua vida.

Sabendo que o mundo está em constantes transformações, novas idéias que estão sendo aplicadas, tendem a ser esclarecido a todos, mesmo aquele que estão longe da educação formal – ex: idosos –. A Educação Permanente se faz necessária, visto que ela ajudará as pessoas a entenderem, essas idéias e mudanças que ocorrem no mundo. Não podemos negar a importância da educação formal, já que ela apresenta as habilidades básicas do indivíduo, mas a educação precisa esta para, além disso, ela precisar ir para o cotidiano das pessoas, auxiliando elas nas decisões e transformações, tornando-as capazes de ser pensante, atuante e principalmente autônoma. Desta forma, o indivíduo não se contentará com a educação seriada, ele será responsável por sua própria educação, pois saberá tirar dela as bases do seu agir. Seja se aperfeiçoando na profissão, ou buscando outra profissão, não importando a idade.

David Wardle<sup>1</sup> (1974), diz que “a maioria das pessoas aceita que aprenderam mais fora da escola do que dentro dela, mas, sem se dar conta disso, são levadas a considerar o

---

<sup>1</sup> Wardle, David. *The Rise of the Schooled society*. Routledge and Kegan Paul, 1974. Apud RICHMONA, op. Cit., p. 7.

aumento dos anos de escolarização como índice de progresso” (apud COLLET 1976, p.25).

Collett nos recorda que a escolarização termina, mas a educação é um processo contínuo que só termina com a morte:

A insistência em querer escolarizar todo mundo mostra a sobrevivência da idéia de que a educação só pode ser dada na escola e numa idade específica, o que contradiz a concepção de educação que se está pretendendo desenvolver: a de uma educação para todas as idades, não somente dada nas escolas, mas também por todos os setores a quem caiba uma função educativa, disseminada na sociedade em que o homem “respire cultura”; uma educação que prepare o indivíduo para enfrentar um mundo em constante mudança, capaz de desempenhar as novas funções que a sociedade moderna está a requerer, capaz de interagir no campo profissional e social, dialogando com as diferentes gerações, entendendo a sua linguagem; [...] uma educação que contribua para o desenvolvimento dos povos tornando o homem mais feliz, porque mais realizado. (1976, p.16).

Vemos desta maneira, que Collet defende o pensamento de Furter, quando este afirma, que a Educação Permanente não pode ser reduzida à idéia de educação “extra-escolar”, “prolongada”, nem “educação de adultos”, já que estas se referem a uma parte do problema. Tendo, portanto, a Educação Permanente um sentido abrangente de todas estas divisões já mencionadas.

Palma e Cachioni (2002), em um artigo intitulado, “Educação Permanente: perspectiva para o trabalho Educacional com o Adulto Maduro e Com o Idoso”, verificar como a Educação Permanente contribui para a ressocialização e motivação dos idosos. Elas salientam que a educação permanente é uma tarefa, um direito e um dever ao longo da vida e que cada vez mais percebem que acabou o tempo de acreditar que havia uma idade para o estudo formal, outra para a formação produtora de bens de consumo e outra para o retiro inoperante. Afirmam que em qualquer época, podemos aspirar por uma educação que nunca se conclui, já que o homem é um projeto inacabado e a cultura comporta mudanças constantes.

As autoras nos chamam a atenção para A Conferencia de Nairóbi em 1976, organizada pela UNESCO, dizendo que tal conferência foi que validou transnacionalmente a idéia de educação como programa total para a vida dos indivíduos. Este documento deixa claro que a formação é permanente em todos os sentidos: na dimensão temporal (ao longo de toda a vida), na perspectiva dos conteúdos (todos os ramos do saber), na ótica do método (por meio de conduta-reflexão) e dos fins a conseguir (desenvolvimento da personalidade da melhor forma possível). Dessa forma, a educação não tem aposentadoria e por isto é uma ocupação ao longo de toda a vida humana.

Na visão da UNATI/UERJ (2004), a educação permanente é definida como sendo, uma educação que possibilita a constante atualização do conhecimento, pela permanente discussão de valores, conceitos, conhecimentos e informações que reforçam e reformulam o que se tornou ultrapassado. Assim, esta concepção visa à formação e garantia da autonomia do cidadão, auxiliando na sua construção – visto que o ser humano não para de evoluir, modificar-se – e conscientização a cerca da compreensão do mundo e do cuidado com a sua vida, para que com isso ele possa obter uma melhor qualidade de vida, prezando não apenas por uma vida longa, mas por uma vida onde ele possa usufruir seus direitos, de novas oportunidades de se aperfeiçoar e ter acesso a conhecimentos que enriqueceram a sua existência nesta nova etapa da vida.

Lima (2000) acredita que só pela educação, se pode auxiliar o idoso a exercer sua cidadania, criando assim espaços para mudanças e para tornar visível às necessidades, assim como soluções para a cidadania do idoso, lembrando de que estas respostas podem partir do próprio idoso:

Esta educação permanente não poderá basear-se em princípios conservadores, mas terá que ser uma educação transformadora, socializadora, capaz de conscientizar o idoso da complexidade do momento mundial e atual e torná-lo capaz de construir o seu conhecimento, reelaborando os conhecimentos que recebe, posicionando-se como um sujeito, capaz de provocar mudanças, compartilhando com o outro. (LIMA, 2000, p. 48).

Assim como a autora, penso na Educação Permanente, como a educação que melhor pode atender a todas as fases da vida, e neste trabalho a emprego numa das fases que é a terceira idade, acreditando que esta educação auxiliará o idoso a suprir suas necessidades de conhecimentos, socialização, além de trabalhar com este a concepção de que enquanto a vida há aprendizagem, elevando assim, a sua auto-estima, proporcionando que ele aceite esta nova fase de sua vida como uma fase de novas produções e descobertas, desmistificado o seu “próprio pensar” e o daqueles que o cercam e que acreditam no mito do idoso incapaz.

Lima acredita que é necessário o idoso saber o que quer, o que pensa e o que sente para se sentir livre e atuar por sua própria vontade. Portanto, a Educação Permanente será a melhor forma de cuidar dos direitos dos indivíduos, de expressar suas verdadeiras potencialidades, destes se verem como cidadão, visto que muitos continuam a trabalhar, pagam impostos e merecem ser respeitados e vistos como pessoas capazes.

Aos idosos deve ser dada a oportunidade de mudar as concepções que a própria sociedade os impõe. Sobre isso falaremos no próximo capítulo, ao observamos a educação permanente no âmbito da universidade aberta à terceira idade e como ela é um dos meios para a motivação e socialização dos idosos.

## CAPÍTULO IV

### AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE E A UTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE

O “fazer”, a “ação”, é uma entre outras necessidades básicas do homem. É através da ação que o indivíduo, seja qual for sua idade, explora e domina a si próprio e ao mundo que o cerca. Ele cria, descobre, aprende, se realiza, se relaciona, se transforma e transforma seu meio e seu mundo. Desta forma constrói sua própria história determinando inclusive o que conseguir, objetivando e assimilando valores. (PAPALÉO NETTO, 2002, p. 99).

Com a chegada da aposentadoria e da velhice, o indivíduo se desvincula de suas ações relativas ao trabalho e com isso, muitos se vêem com tempo “livre” e não sabem o que fazer dele. Para alguns idosos, o tempo livre significa “um vazio” e eles se sentem sem valor, inútil, podendo isto gerar prejuízos no cotidiano deles mesmos e dos que os cercam.

Mesmo que os idosos tenham alcançado um status profissional, um crescimento financeiro, segundo Papaléo Netto (2002), eles necessitam de um crescimento afetivo, social e intelectual. O auto diz que a falta de preparação para a velhice, aliada muitas vezes à perda de status e conseqüentemente desvalorização social, fazem da aposentadoria e do tempo livre não um benefício, mas um período indesejável, tedioso e cercado de preconceitos e preocupações.

Alves Junior (2000) nos relata a respeito desta preocupação com o tempo livre:

Pesquisadores como Nicole Samuel e Jofre Dumazedier, ao estudarem os tempos sociais, indicam que é o tempo livre que passa a ser o principal de nossa vida e que vai orientar todos os outros tempos. Dumazedier disse que [...] existiria após cinquenta anos uma autonomia negociada, onde atividades caracterizadas e vividas como uma “segunda carreira” se inseririam numa transformação geral. Ele chamou de esta nova etapa da vida de “nova idade”, tipicamente de uma classe social que se considerava ainda jovem para ser velho, mas que também não se considerava ainda como sendo jovem. Este tempo desqualifica a imagem que liga a época da aposentadoria ao repouso e vai permitir uma ascensão a um novo tempo de viver, com atitudes livremente escolhidas [...]. (p. 111).



A citação explicita que os “jovens idosos” não admitem o desengajamento das suas funções, se aposentado quando ainda se sentem capazes. O autor da citação diz que esses aposentados fizeram resistência ao envelhecimento e ao imobilismo que a sociedade impôs a eles, e que dessa resistência surgiria ocupações referentes ao cuidado com o corpo, ao turismo, à educação permanente e a uma vida associativa, arrumando assim, formas de ocupar o tempo livre para o qual eles ainda não estavam preparados.

O mesmo autor relata que em 1949, começaram a surgir iniciativas e manifestações para a educação de adultos. Neste mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) discutia sobre o tema. O autor comenta que no século passado a educação voltada para os adultos era vista como “instrução corretiva”, pois, era necessário que os trabalhadores soubessem ler as informações sobre o uso das máquinas que chegavam nas fábricas, ou seja, a educação era vista como elemento voltado para o trabalho – Formação Permanente.

Ele ainda relata que o conceito de educação permanente só começou o seu desenvolvimento nos anos 70 e isto gerou o rompimento do mito que o indivíduo numa certa idade não seria capaz de aprender, conciliando desta forma, a educação a gerontologia.

Nesta perspectiva e conscientes das demandas dos novos aposentados mais jovens e da ocupação do seu tempo, em 1973, surge na França, em Toulouse, a concepção de Universidades Aberta à Terceira Idade. E a primeira delas foi criada por Pierre Vellas que se preocupou com alternativas para dar melhores condições de vida para os idosos. Tinha como preocupação uma educação permanente mais específica para os idosos e continuada para os jovens. Esta iniciativa de Vellas foi imitada em outros países.

O modelo francês tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país e privilegia o segmento mais velho da população sem, contudo, se fechar às outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento ou em busca de oportunidades de educação continuada.[...]. (PACHECO, 2003, p. 223).

Visualizamos que a primeira Universidade Aberta da Terceira Idade tinha por finalidade criar espaços para atividades culturais e de sociabilidade e também voltada para o ensino e pesquisa.

Das iniciativas das universidades, apontaremos algumas, com base no artigo de Liberato (1996) “Educação Continuada e Faculdade da terceira Idade”, pelo intuito de sua criação:

- Surgiu a UNATI em Osaka e expande-se para outras cidades do Japão, sob o patrocínio do Instituto japonês de Investigação Gerontológica.

- Na Ex-União Soviética (1979) inauguram-se as universidades voltadas para o estudo da saúde e longevidade, com o objetivo de aproveitar a experiência dos idosos em pesquisa sobre saúde. (1996, p.14).

Palma (2000) aborda a criação da UNI3 no Uruguai, ressaltando a importância desta universidade aberta, visto que a mesma não tinha vínculo com nenhuma universidade tradicional e tinha como base Paulo Freire e Carl Rogers. Estes propõem uma pedagogia de educação permanente intergeracional, visando preparar o idoso para as transformações no mundo e visando recuperar os valores sociais, culturais, morais e econômicos do idoso.

Segundo Liberato (1996), as primeiras iniciativas no Brasil surgiram, em 1977, no SESC/ SP, na cidade de Campinas, com a criação da “Escola Aberta da Terceira Idade”, uma adaptação da Universidade Aberta da Terceira Idade existente na França.

Segundo Cachioni (1999) dentro das universidades brasileiras, esse movimento iniciou apenas em 1982, em Florianópolis, na Universidade de Santa Catarina que criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) com o intuito de formar recursos humanos, promover o cidadão idoso e divulgar conhecimentos acerca do envelhecimento humano.

Mas a primeira Universidade Aberta à Terceira Idade que mais se aproxima do modelo Francês foi criada em Campinas, na Pontifícia Universidade Católica, com os objetivos de promover a educação permanente, estimular a reinserção social dos idosos e consolidar os objetivos da PUC-Campinas,

através de um trabalho interdisciplinar, interdepartamental voltado à comunidade. (PACHECO, 2003, p.224).

Esta universidade, citada por Pacheco, teve a assessoria do Professor Paulo Freire, que discutiu sua proposta pedagógica, a extensão universitária e a educação permanente, visando conceder ao cidadão idoso o direito na busca de liberdade e democracia.

As Universidades para a Terceira Idade no Brasil se expandiram rapidamente e apesar da diversidade de nomenclaturas, dependendo da cidade ou região, todas estão voltadas para a população idosa e atualmente chegam a mais de 150 unidades (MARTINS SÁ, 1996).

Com relação à importância dessas universidades Liberato (1996) afirma que:

O que está presente é o sentido da valorização da experiência de vida dos alunos, favorecendo condições de convivência social e formação de novos grupos e associações, fortalecendo a participação social e valorizando a contribuição à comunidade e a construção da cidadania. (p. 15).

Verificamos pela citação que as universidades brasileiras têm por objetivos comuns: a eliminação de preconceitos e estereótipos, promover a auto-estima, a cidadania, a ressocialização social, além de incentivar a autonomia e a independência dos idosos. Isto ocorre por meio de uma grade de atividades que dão ênfase à educação permanente, visto que esta educação preza pelo conhecimento, seja ele formal ou informal.

Atualmente, a grande maioria dos programas universitários destinados à terceira idade seguem o modelo francês e centra suas atividades, preferencialmente, em programas de educação permanente, tornando-se um espaço em que os idosos podem relacionar-se, utilizar criticamente seu tempo, estudar e atualizar-se em cursos regulares ou organizados de acordo com o seu perfil. (PACHECO, 2003, p. 225).

Pela citação, podemos dar muitos exemplos de Universidades Abertas à Terceira Idade que utilizam a educação permanente. Mas, um exemplo que gostaríamos de explanar é a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ), devido ser ela o campo de pesquisa observado, para verificar os objetivos propostos neste estudo.

A Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ) foi criada no Rio de Janeiro em 1993, sendo a primeira iniciativa de programas de universidade para a terceira idade, de caráter público.

#### **4.1 Universidade Aberta da Terceira Idade, UnATI/UERJ : um exemplo da utilização de Educação Permanente**

##### **4.1.1 Histórico**

O Professor Américo Piquet Carneiro foi o pioneiro a tratar da temática universidade e idosos. Em 1988, ele idealizou um centro de convivência voltado para o estudo da população idosa onde esta pudesse ter assistência e serviços de diversas naturezas: saúde, educação, informações, psicólogos etc. A princípio “foi criado o Núcleo de Atenção ao Idoso do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da UERJ que mais tarde foi transformado no programa Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ”.

Voltado para pessoas com mais de 60 anos, o programa vem funcionando “como uma microuniversidade temática, integrando ensino pesquisa e extensão”. (HUPE/ UERJ, 1989, apud PACHECO 2003)

A UnATI, como é conhecida (Centro de Convivência Idealizado) encontra-se no interior da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no bairro do Maracanã. Sua filosofia é semelhante à proposta por Vellas. Sendo assim, tem por objetivos a educação permanente, tirar os idosos do isolamento, proporcionando-lhes mais saúde, perspectiva de vida e desmistificar a imagem que a sociedade faz do idoso. Vemos que assim como Vellas, Carneiro (1989) também confia que através da inserção dos idosos em programas que têm atividades físicas, culturais, de prevenção de doença, seria possível superar as dificuldades e exclusão pelas quais os idosos passam:

A universidade não poderá procurar solução para todos os problemas, mesmo porque a maioria foge à suas responsabilidades, mas seria inadmissível que ela ignorasse a ajuda que poderá colocar à disposição de todo aquele imenso grupo de pessoas aposentadas, algumas com faixa etária muito inferior a 65 anos e que poderiam encontrar na universidade não um lugar de passatempo e de boa vivência, mas um ambiente sério de trabalho e de estudo em disciplinas que estariam à sua livre escolha ou em cursos regulares organizados de acordo com esse novo tipo de população estudantil. (CARNEIRO, 1989, p. 4 ).

Carneiro chama as universidades a assumirem seu papel de pesquisar uma saída para uma crise que não se trata de uma faixa etária – como já foi provado por Silva, 1996 –, mas, que abrange todo o bem estar social. Vale ressaltar que a universidade é lugar de intelectuais – ou pelo menos deveria ser –, pensadores preocupados com o social, e que esta se fixa em três eixos que são: ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, cabe aos profissionais que nelas estão, se colocarem atuantes como professores, mas também como pesquisadores, levando através da extensão ajuda aos que dela precisam. Carneiro deu o primeiro passo e como ele mesmo disse, a universidade não resolverá todos os problemas, mas não pode permanecer alheia às transformações sociais ao seu redor.

#### **4.1.2 Conhecendo o Programa que UnATI/UERJ desenvolve.**

O programa que a UnATI/UERJ desenvolve é calcado em quatro eixos – ressaltando que cada eixo detêm ensino, pesquisa e extensão – que são apoiados por um corpo docente de 60 professores, sendo alguns da UERJ e outros contratados para a prestação de serviços – visto que algumas das atividades desenvolvidas na UnATI - curso de xadrez, ginástica cerebral, entre outras, não pertencem a grade curricular da UERJ e sendo assim não possuem um número de profissionais suficiente para trabalhar com todos os eixos temáticos que são:

##### **4.1.2.1 Primeiro Eixo**

O primeiro eixo destina-se aos idosos

. Serviços de Saúde: Existem duas unidades ambulatoriais: O Núcleo de Cuidado e Atenção ao Idoso (NAI) e o Serviço de Cuidado Integral a Pessoa Idosa (CIPI). São realizadas cerca de 1600 consultas por mês, e no interior desses ambulatórios pode-se encontrar assistência social e jurídica;

O NAI desenvolve projetos especiais: Projeto de assistência e estudos cognitivos, programa de atenção integral ao idoso internado, projeto de atendimento domiciliar – atividade desenvolvida junto a comunidades próximas da universidade com objetivos de promoção e prevenção da saúde e de atuar junto aos usuários matriculados no ambulatório da UnATI, mas que tem dificuldades de ir até lá – projeto de promoção de saúde e o projeto idosos em movimento mantendo a autonomia.

O CIPI “centra-se na atenção ao idoso fragilizado, ou seja, aqueles com alto grau de dependência, que apresentam diminuição da capacidade funcional, alto risco de institucionalização e hospitalização inapropriadas” (2004, p.53). Neste ambulatório também é desenvolvida uma linha de pesquisa denominada modelos de atenção ao idoso, em busca de novas concepções de assistência à saúde.

. Atividades Socioculturais e Educativas:

As atividades oferecidas pela UnATI/UERJ encontram-se na perspectiva da educação permanente. A idéia é possibilitar constante atualização do conhecimento, pela permanente discussão de valores, conceitos, conhecimentos e informações que reforcem, estimulem ou substituam o que tenha se tornado ultrapassado. Esta abordagem visa sempre à promoção e a garantia da autonomia do cidadão, que é algo não pode ser “ensinado” – precisa ser vivenciado e, acima de tudo, ser objetivo de todos os envolvidos no processo educativo. (VERAS E CALDAS, 2004, p.55 - 56).

Essas atividades mencionadas na citação são oferecidas sob a ênfase da educação permanente em quatro áreas temáticas:



-Educação para Saúde: orientação postural, “Yoga”, gerontopsicomotricidade, oficina da voz, saúde natural, nutrição para a terceira idade, educação permanente em saúde, massagem facial, fisiologia, estética corporal e facial, reeducação da postura do gesto e do movimento, ecologia e vida, treinamento de força aplicada a idosos, reeducação física postural, alongamento e qualidade de vida, prevenção de quedas e prevenção de quedas para grupo especial;

-Arte e Cultura: dança de salão, grupo de coreografia, grupo nossas raízes, biodança com a terceira idade, biodanza: um encontro com a vida, dança sênior, movimento expressivo – psicomotricidade, o cinema e a psicomotricidade trazendo alegria de viver, oficina de criação, evolução do gosto e da moda, arte em retalhos, oficinas de interpretação de poesia e grupo teatral: operários da emoção;

-Conhecimentos Gerais e Línguas Estrangeiras: história da arte na Europa – século XIX, história da arte no Brasil, uma viagem pelo Brasil república até 1964, uma viagem pela Antiga Pérsia, lembrança do meu tempo, ler e escrever na terceira idade: um encontro de prazer, das primeiras letras aos primeiros textos, a história da intolerância através dos séculos, visitas a parques e jardins, xadrez para principiantes, introdução a informática para terceira idade, a UnATI na futura, treinamento e capacitação para atividades voluntárias, direito e comunicação para a terceira idade, sons e imagens na terceira idade, qualificação de idosos na função de recepcionistas, voando com tapetes mágicos pelo mundo do era uma vez, idosos escritores: reinventores de vida, italiano para a terceira idade através da música, alemão para a terceira idade, francês para a terceira idade, espanhol para a terceira idade, introdução à língua e a cultura hebraica e inglês através de jogos, dramatizações e outras atividades lúdicas;

-Conhecimentos Específicos Sobre a Terceira Idade: noções de jornalismo, seminário de educação gerontológica, ações de participação social e cidadania na terceira idade, grupo operativo: trocas e perspectivas, tricotar: conversa de mulheres, grupo de reflexão: vivendo a

vida, memória bibliográfica, oficina da memória: projeto de pesquisa, oficina da memória: mente alerta I e encontros com a psicologia.

Atualmente são oferecidos mais de 120 cursos livres – que não têm uma estrutura hierárquica – por semestre para pessoas com 60 anos ou mais e cerca de 2500 pessoas frequentam regularmente.

Cabe ressaltar que esses cursos, segundo Reis – estagiária responsável na ausência da coordenadora Pedagógica da UnATI, Célia Sanches – “são renovados todos os semestres, mas para que isso ocorra primeiro é necessário que haja uma demanda, o que é difícil não acontecer e segundo que tenha um professor da área, pois pode ocorrer de um professor do semestre anterior não ter mais viabilidade para continuar no curso, em decorrência de serem professores de áreas específicas, às vezes dentro da UERJ” (REIS, entrevista 17/10/2005)

Desta forma, verificamos que os cursos, para continuarem, dependem da demanda de alunos, do professor e, se este não tiver viabilidade, de se conseguir outro. Quis verificar esta informação, pois no 2º semestre de 2004, quando estava fazendo pesquisas bibliográficas no centro de referências da UnATI percebi que NUNES (2001) menciona a existência de 7 áreas temáticas, no segundo semestre de 2000. Ao investigar, observei que algumas áreas temáticas não foram eliminadas, mas reformuladas e transformadas em quatro, devido, provavelmente, ao pouco número de cursos fornecidos em cada área.

#### -Atividades de Integração e Inserção Social

Regularmente, há a realização de atividades sociais e culturais. Estes eventos são com entrada franca e representam espaços de intergeracionalidade, visto que muitos destes eventos são organizados em parceria entre estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e servidores, além de “ espaços de desenvolvimento da sociabilidade e de integração. São



Workshops, oficinas, palestras, apresentações públicas de canto, dança, exposições de artes plásticas, festas, bailes etc.(VERAS, 2004, p.57)

Em uma das minhas visitas – para a pesquisa de campo – a UnATI pude acompanhar um desses eventos - Seresta da UnATI -, realizada dia 07/10/05 e que teve início às 14h. Foi um momento de distração e logo que cheguei ao salão fui acolhida. A princípio estava procurando uma turma, havia esquecido do evento e fiquei muito feliz com a oportunidade de participar.

O grupo musical, em sua maioria era de idosos, mas também tinha alguns jovens – provavelmente da graduação da UERJ. As representantes dos alunos estavam os recepcionando e eles estavam trazendo alimentos não perecíveis - os que podiam - para serem doados.

#### **4.1.2.2 Segundo Eixo**

Este eixo está voltado para os estudantes de graduação, profissionais e público não idosos. São desenvolvidos cursos de formação, capacitação, atualização e especialização de recursos humanos, Educação Continuada em Gerontologia e Preparação de Cuidadores de Idosos.

#### **4.1.2.3 Terceiro Eixo**

Prioriza a produção e disseminação de conhecimentos, tendo como foco pesquisadores e estudantes de cursos de pós-graduação:

Encontramos produção de pesquisas, publicação e divulgação da produção dos pesquisadores, site estruturado sob forma de portal, para ajudar os estudantes em suas pesquisas – [www.unati.uerj.br](http://www.unati.uerj.br) – e o Centro de Referências e Documentação sobre o Envelhecimento.

No Centro de Referência e Documentação (CRDE) há um acervo de teses, dissertação, revistas, periódicos e livros para pesquisa no local – ainda não emprestam material para estudo em residência. Há também publicações à venda.

Os funcionários do CRDE são bem receptivos e ajudam os estudantes em suas pesquisas, inclusive a procurar no site da UnATI. É claro que a maioria do material produzido relata mais a questão da saúde de uma forma geral, mas encontramos também um pouco sobre educação, entre outros temas.

#### **4.1.2.4 Quarto Eixo**

Este eixo prioriza atividades de extensão, verifica a sensibilidade da opinião pública e se preocupa com a visibilidade do programa. Sendo assim, atua com o público externo e formadores de opinião: Atividades de extensão, Programas de Voluntariado e Atividade de Comunicação e divulgação junto ao grande público:

Atividades de Extensão: Projeto de Nutrição e Terceira Idade (Instituto de Nutrição), Projeto de Assistência Jurídica (Faculdade de Direito), Projeto Psicologia para Idosos (Faculdade de Psicologia) e o Projeto de Cidadania do Idoso (Faculdade de Serviço Social). Além desses projetos também são desenvolvidos alguns eventos tais como: O Dia da Cidadania – grande feira onde diversos serviços são prestados aos idosos – e Campanhas de Vacinação.

Programa de Voluntariado: Este programa tem por objetivo valorizar a história de vida profissional dos idosos que participam da UnATI e o aprendizado destes, adquiridos nos cursos oferecidos pela instituição. É relevante destacar que este programa foi organizado por uma equipe de assistentes sociais e que os mesmos treinam os idosos que desejam ser voluntários nas ações comunitárias.

Á preocupação mais relevante da equipe técnica é destacar a importância do papel do voluntário e prepará-lo para as novas relações interpessoais que

surgirão à medida que se engajar no trabalho.(VERAS e CALDAS, 2004, p.64).

Visualizamos assim, que os idosos, alunos da UnATI, são inseridos na sociedade por meio de atividades como por exemplos em instituições asilares, em tarefas que colaborem para a ampliação de sentimentos de solidariedade e de aplicação e reprodução de seus conhecimentos.

Verificamos também que existe um núcleo responsável pelas divulgações de eventos na UnATI . Fazem o trabalho de comunicação e divulgação de atividades junto ao grande público. Assim como, mantêm os alunos atualizados das informações importantes para o seu cotidiano, como por exemplo, as questões políticas.

## CAPÍTULO V

### **EDUCAÇÃO PERMANENTE E UnATI/ UERJ: UM ESTUDO DE CASO**

O estudo de caso teve como objetivo analisar a Educação Permanente na UnATI, tendo como ponto principal visualizar a ressocialização e motivação dos idosos que vivenciam esta educação, bem como verificar a forma pela qual a Educação Permanente nesta universidade propicia a auto-estima e valorização dos mesmos.

Utilizou-se técnicas de observação sistemáticas, através de questionários e entrevistas feitas com uma população de alunos, professores e coordenação pedagógica, para melhor esclarecer os objetivos propostos, assim como o tema abordado.

Cabe salientar que devido a demora na aprovação da pesquisa de campo, pelo Conselho de Ética da UnATI, a mesma só pode ser iniciada no final do mês de setembro, tendo assim a duração de dois meses.

A pesquisa realizada foi qualitativa, portanto não foram adotados procedimentos estatísticos. Após as entrevistas com os idosos, era dada a cada colaborador uma cópia do termo de consentimento livre, no qual constava o sigilo do seu nome na publicação da pesquisa.

A escolha da amostragem esbarrou em um problema técnico. A UnATI/UERJ não dispunha de informações sobre o número total de alunos, visto que cada aluno pode se inscrever em até três cursos, sendo assim, o controle é feito por curso e não por aluno. Devido a essa dificuldade, escolhemos nas Atividades Socioculturais e Educativas – lembrando que são quatro áreas temáticas – um ou dois cursos para visitação e observação, na maioria dos cursos escolhidos pudemos participar como ouvinte e ao final da aula – já tendo sido apresentada aos alunos e esclarecido a pesquisa – pudemos entrevistar os idosos que se dispunham voluntariamente a ceder entrevista.

Aos professores do curso foram distribuídos questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, para aqueles que se dispusessem a colaborar com a pesquisa.

Outra dificuldade encontrada foi conseguir entrevistar a coordenadora pedagógica da UnATI, pois ela estava afastada por motivos médicos. Somente ela poderia fornecer as informações mais detalhadamente, mesmo assim entrevistei sua estagiária e notando que ainda não tinha todas as respostas necessárias; entrei em contato com Célia Sanches (coord. Pedagógica da UnATI) que gentilmente concedeu uma entrevista em sua casa – devido ao seu estado de saúde – e felizmente consegui apurar os dados importantes que estavam faltando.

Os cursos visitados de cada área temática foram:

**Educação para Saúde:**

- Alongamento e Qualidade de Vida – Este curso pretende levar o aluno à busca da pesquisa bibliográfica com a atividade física.

**Arte e Cultura:**

- Dança de Salão – Procura desenvolver no aluno a musicalidade, o ritmo, a coordenação Motora e a conscientização corporal por meio dos movimentos da dança, estimulando assim a memória e a socialização dos alunos.

- Dança Sênior – Tem por finalidade incentivar a prática de exercícios físicos e mentais a por meio da dança, melhorando assim a coordenação motora, sempre com movimentos alegres e contagiantes, integrando desta forma os idosos.

**Conhecimentos Gerais e Línguas estrangeiras:**

- Ler e Escrever na Terceira Idade: um encontro de prazer – Este curso desenvolve os conhecimentos de leitura e escrita. Está voltado para idosos alfabetizados ou com escolaridade equivalente a 4ª série do Ensino Fundamental.

- Das primeiras Letras aos Primeiros Textos – Promove a aprendizagem da leitura e da escrita para o idoso que tenha o sonho, o desejo de se alfabetizar.

### **Conhecimentos Específicos Sobre a Terceira Idade:**

- **Ações de Participação Social e Cidadania na Terceira Idade** – Este curso dá ênfase à cidadania, informando aos seus alunos tudo o que está acontecendo na atualidade. Proporciona a reflexão sobre a tomada de resoluções de problemas, através de participação social dos alunos.

Cabe esclarecer que não realizamos nenhum controle na entrega dos questionários aos professores, pois, a adesão era espontânea. Entregamos seis questionários – para cada um dos professores dos cursos visitados – e recebemos quatro respondidos. Vale ressaltar que nem todos os professores puderam colaborar nas respostas, mas estes ajudaram na pesquisa, no momento em que me deixaram observar os cursos e saber um pouco do objetivo de cada um destes. Sete alunos se apresentaram para serem entrevistados, apenas em um dos cursos obtive duas entrevistas. Também consegui um depoimento da secretária, que me ajudou a conhecer e a entender um pouco a universidade na ausência da Coordenação Pedagógica. Da coordenação pedagógica obtive duas entrevistas: uma da estagiária de pedagogia e por fim a coordenadora pedagógica da UnATI (Célia Sanches).

Vale ressaltar que são vários os cursos, mas devido a horários muitas vezes incompatíveis, não pude estar em alguns. Em outros, a presença de uma “pesquisadora” tiraria a atenção da aula e na saída, os alunos, assim como os professores destas oficinas, não teriam tempo – devido a ir para outro curso – para colaborar com a minha pesquisa. Entretanto, agradeço a todos que me ajudaram a ter a oportunidade de vivenciar os cursos nos quais fui recebida.

Cabe ressaltar também que algumas vezes os cursos são supervisionados por professores das áreas de Psicologia, Pedagogia, Educação Física etc. Assim, alguns desses professores têm seu núcleo de estudos, onde existem programas como, por exemplo, o PRO

Alfa, que tem parceria com a UnATI. Desta forma a UnATI conta com a supervisão dos professores da UERJ, em alguns cursos e estes são responsáveis pelo projeto.

Havendo alguma observação ou dúvida, estas devem ser levadas para a coordenadora pedagógica. Menciono tal fato porque mesmo tendo a Carta do Conselho de Ética da UnATI, tive que me apresentar a alguns departamentos ou núcleos que tomam conta dos cursos, exemplo: Alongamento e qualidade de vida ( Instituto de Educação Física e Desporto) e PROAlfa, (Núcleo do Programa de Alfabetização, Documentação e Informação – Departamento de Educação). Notei assim, que há um certo cuidado com os alunos atendidos e achei correto a atitude do meu encaminhamento aos responsáveis que estavam ~~foram~~ da “jurisdição” da UnATI.

### 5.1 A Realização das Entrevistas Com os Idosos

- No roteiro de entrevista havia questões fechadas e abertas.

**Questões Fechadas:** sexo, idade, estado civil, nacionalidade, escolaridade, renda, ocupação já exercida, ocupação atual (trabalha, aposentado, pensionista, dependente dos filhos), com ~~que~~ <sup>que</sup> mora e bairro de moradia.

Foram entrevistados sete alunos, sendo dois homens e cinco mulheres. É marcante a presença das mulheres na universidade e os poucos homens ainda se mostram tímidos para conceder entrevistas. A idade dos alunos entrevistados é de 61 a 76 anos.

Com relação ao estado civil obtivemos: duas casadas, duas divorciadas, um separado. Um fato relevante é que dois dos entrevistados após perderem suas pares não sabiam mais como definir seu estado civil: se solteiros ou viúvos. Por fim: um optou por viúvo e a entrevistada por solteira.

Todos são brasileiros e têm a escolaridade bem diversificada variando do primário ao segundo grau técnico. A renda também é bem diversificada: a menor é de 300 reais e a maior, 2.500 reais.

Para minha surpresa, constatei que os entrevistados moram: um na baixada fluminense, outros na zona norte e zona sul. Fiquei surpresa, pois na maioria das pesquisas bibliográficas analisadas, havia o relato de que os alunos desta universidade moravam em bairros como: Tijuca, Maracanã, Vila Isabel, bairros, ou melhor, locais de maior proximidade do centro de convivência.

Talvez seja uma coincidência, mas, justamente pela pesquisa de campo ter tido uma amostragem não tão grande é que este fato chama atenção, pois, visualizamos a questão da divulgação de serviços à terceira idade, mostrando que o interesse parte não apenas daquele idoso que mora próximo e não tem nada para fazer – como alguns poucos informados acreditam –, mas sim que as pessoas estão interessadas em se atualizarem, em voltar a estudar, mesmo que para isso tenham que pegar duas conduções.

Com relação à ocupação já exercida as variantes são: professora, despachante, secretária, comerciaria, telefonista, gráfico e técnico de enfermagem. Dos sete entrevistados, todos são aposentados e apenas uma continua a trabalhar, ocupando a função que exercia antes da aposentadoria que é técnico de enfermagem. Desses sete, apenas dois moram sozinhos.

### **Questões Abertas:**

Nas questões abertas, foram selecionadas questões relevantes à análise da Educação Permanente como fator de valorização e reinserção social do idoso que são os objetivos investigados. Assim transcrevemos alguns depoimentos e identificamos os entrevistados



como participante feminino (PF) e participante masculino (PM) colocando apenas a sua idade, devido ao sigilo de seus nomes.

Com a finalidade de saber a perspectiva do idoso antes de entrar na UnATI e qual o resultado da Educação Permanente na vida deste, após a sua inserção na universidade, iniciamos a entrevista colocando duas perguntas que melhor visualizassem as mudanças ocorridas que foram: *Quais foram as razões que o levaram a buscar a UnATI? O que mudou na sua vida após a sua entrada na UnATI?*

Em relação à primeira pergunta, os relatos foram diversificados: se recuperar da depressão, fugir das obrigações com filhos e netos e começar a fazer algo para si mesmo, retornar aos estudos, para fugir da solidão e dois idosos relataram que foi indicação médica como ocupação do tempo livre.

No que se refere à segunda pergunta, as respostas foram:

*“Mudou muita coisa porque eu estou realizando um sonho, a muitos anos não conseguia porque meu pai viaja muito, depois casei nova; pronto travou minha vida! Ficou só em função do lar, casa né”. (PF, 74 anos).*

*“Estou já modificando a minha vida, porque minha vida sempre foi trabalhar em dois empregos, daqui pra lá de lá pra cá. Saindo de um para o outro e para parar assim, de vez não deu, pra mim não deu não! Então procurei a UnATI pela motivação”. (PF, 70 anos).*

*“Eu voltei a ter preocupação, ocupação, a ter um harmonismo, tou me sentindo útil, isso pra mim é muito importante!”. (PM, 72 anos).*

Tornou-se relevante transcrever esses depoimentos visto que eles se destacam pela perspectiva de novos planos, como o estudo; pela verificação da motivação como sentimento de utilidade e importância que o idoso começa a adquirir ao entrar na universidade. Em relação aos outros depoimentos, observamos a mudança prazerosa depois da aposentadoria,

devido à realização de algum curso, a melhora da auto estima e dois alunos relataram a melhora de sua saúde.

Perguntamos também *qual a importância da educação e do conhecimento em geral para eles, nesta fase da vida?* As respostas sobre essa importância foram, no geral, trocar idéias e experiências – sociabilização –, adquirir novos conhecimentos e fazer cursos que nunca tiveram oportunidade.

Destacaremos três depoimentos pela sua ênfase na atualização, na continuidade dos estudos e na importância da educação como primordial para o País:

*“Eu acho bom, eu fazia, por exemplo, UnATI na futura é bom porque existe sempre aquele tema atual, que na épocas das eleições por exemplo foi a política. Sempre tá informando, agora por exemplo é a política de novo, O Referendo: Por que você é sim? Por que você é não?. Ai você fica atualizada do dia a dia, né, da vida. Então a gente sai daqui, já começa em casa a conversar: porque você é não, porque você é sim; a gente começa a trocar a coisa do dia a dia, o que a gente ouve aqui, agente leva pra lá a experiência, de lá pra cá, conta os nossos casos aqui”.*(PF, 75 anos).

*“É muito importante porque quanto mais a gente sabe melhor. Pra mim foi sempre importante e será sempre, a gente não pode parar. Tem vários cursos e eu estou em vários: Biodança, Alongamento e fotografia, agora tou querendo entrar no teatro”.*(PF, 70 anos).

*“Eu acho que a educação é fundamental e como dizia Voltaire dizia, dizia... nada é mais importante que a Educação, quando um povo começa a pensar ninguém mais segura ele, é a importância disso, entendeu! A maior riqueza de um país não é o petróleo, essas coisas só despertam ganância. É a criança entendeu!, na hora que dermos uma educação para formar melhor as pessoas, eu acredito que vamos ter um País feliz, mas tem muita coisa pra desbastar !”.*(PM, 72 anos).

Essas respostas revelam as razões pelas quais os alunos da Terceira Idade buscam a UnATI que são de natureza social, afetiva e educacional:

O único caminho a seguir, neste como em outros casos é a conscientização da sua situação [...] conscientização é obvio, que não pára, estóicamente, no reconhecimento puro de caráter subjetivo da situação, mas, pelo contrário, que prepara os homens, no plano da ação, para a luta contra os obstáculos à sua humanização. (FREIRE, 1979a, p.134).

Utilizando o pensamento de Freire e pelas entrevistas com os alunos idosos, percebemos que nestes, ao lutar contra uma realidade que os excluem e ao procurar novas oportunidades, como entrar na UnATI, ocorrem mudanças que se referem àquelas de caráter pessoal, como: perspectiva de vida, adquirir novos conhecimentos formais – ex: aprender a ler e escrever – e informais; resgate da auto-estima, motivação para começar o dia-a-dia, sentimento de ser útil e fazendo parte de um grupo, incluído neste devido a convivência.

Verificamos que os alunos referem-se à importância da educação e do conhecimento como questão não só da aprendizagem formal, mas da troca de experiências, da educação como forma de integração e participação social, buscando uma melhor qualidade de vida, indicando o caminho para se atualizar e reivindicar seus direitos como cidadão. Mostrando assim que os mesmos, quando inseridos em uma universidade, se vêem novamente como parte integrante da sociedade, devido ao conhecimento e ao diálogo que o leva à reflexão de situações do cotidiano. Isto fica evidenciado pela citação de Nascimento (2000) que afirma:

A aquisição de novos aprendizados, informações, a estimulação cognitiva [...] criam possibilidade ao idoso de utilizar sua sabedoria; ampliar seus conhecimentos; pensar em si e aceitar-se, despojando-se dos estereótipos negativos; pensar nas habilidades que tem e nas que quer desenvolver; propiciar o conhecimento de suas potencialidades; orientar-se para a tomada de decisões; [...] criar um projeto de vida e conscientizar-se do período específico de sua vida, realidade e existência. (NASCIMENTO et al, 2000, p.128).

Desta forma, concluímos por meio dos cursos e das entrevistas que os idosos, depois de entrarem na UnATI – e terem contato com a educação ali exercida que é a permanente – se

sentem valorizados, motivados, e se vêem novamente como ser atuante na realidade do cotidiano.

A UnATI é, portanto, um passo muito importante para a inclusão do idoso em um grupo e isso leva-o a ser reinserido no lar e nos ambientes que ele frequenta, provocando assim, indubitavelmente, sua reintegração social, não de forma total, mas parcelada, visto que como veremos nas entrevistas posteriores, há que se dar mais espaços para essa camada da sociedade que cresce.

Acreditamos que será inevitável, mais cedo ou mais tarde, a criação de mais instituições que se preocupem com o bem estar social, e com a educação destes idosos, que na sua grande maioria, não tiveram oportunidade de usufruir desta. Tendo também como papel a conscientização da sociedade do valor do ser humano, lembrando que todos merecem ser respeitado, indiferentemente da idade.

## 5.2 A Realização das Entrevistas Com as Professoras

O questionário distribuído aos professores também tinha questões fechadas e abertas. Respectivamente: nome, sexo, idade, estado civil, nacionalidade, ocupação atual – fora da UnATI –, disciplina que leciona. As ministrantes dos cursos são na maioria estagiárias, supervisionadas por um professor responsável:

- Professoras Simone Lopes, Marcela S. do Nascimento e Michele Abreu – estagiárias de Letras e Pedagogia (faixa etária 23 e 24 anos) que lecionam Língua Portuguesa: “PRO Alfa: das primeiras Letras aos primeiros textos/alfabetização (PROAlfa I)” e “PRO Alfa: Ler e Escrever na Terceira Idade: um encontro de prazer. (PROAlfa II)”.

- Professora Marlucy – estagiária de Serviço Social (31 anos) que leciona Ação e Participação Social e Cidadania na Terceira Idade (APCTI).

- Professora Angela Regina Sampaio, professora já formada, mas contratada (50 anos) que leciona Alongamento e qualidade de vida (AQV).

Das três estagiárias duas são solteiras e uma casada. A professora tem como estado civil divorciada. No que se refere a ocupação fora da UnATI somente Simone e Michele responderam ter outra ocupação: atuam como professora.

### **Questões Abertas:**

No questionário foi perguntado às professoras *como elas planejam o trabalho com os alunos da terceira idade?*

Prof<sup>ª</sup>. Angela Regina (AQV): *“Elaboro as atividades pedindo para que eles pesquisem alguma figura e a partir dessa pesquisa são feitos os movimentos e exercícios da aula posterior. Assim o aluno não só vê o lado da atividade, como também a parte do estudo dirigido à pesquisa”*.

Prof<sup>as</sup>. Simone Lopes e Michele Abreu (PRO Alfa II): *“Por meio de uma reunião pedagógica todas as segundas feiras das 14h às 18h. O trabalho de alfabetização/ letramento é planejado por projetos, trabalhando as especificidades de leitura, escrita e matemática. Geralmente, são dois projetos por ano e, ao final de cada um, apresentamos nosso produto final”*.

Prof<sup>ª</sup>. Marcela S. do Nascimento (PRO Alfa I): *“trabalhamos com projetos modulares, sendo dois por ano. Dentro do projeto desenvolvemos atividades que estimulem o ato de escrever, bem como a criatividade e o senso crítico”*.

Prof<sup>ª</sup>. Marlucy (ASPC): *“Os temas discutidos são elencados pelos idosos. Durante a supervisão, planejamos as atividades de acordo com as propostas do nosso curso, priorizando a construção do papel de cidadão dos idosos participantes”*.

Também foi perguntado se elas *perceberam mudanças nos alunos, a partir do trabalho delas com eles e quais?*

Prof<sup>a</sup>. Angela Regina (AQV): “*Sim. Quando eles realmente vêem o curso não como uma academia, mas como um lugar de crescimento teórico também, eles conseguem visualizar a prática muito melhor, bem como saber distinguir o certo do errado*”.

Prof<sup>as</sup>. Simone Lopes e Michele Abreu (PRO Alfa II): “*Sim. Houve um avanço significativo em leitura e escrita. A postura dos alunos também mudou: ficaram mais desenvolvidos, descontraídos, críticos e motivados*”.

Prof<sup>a</sup>. Marcela S. do Nascimento (PRO Alfa I): “*Estou há poucos meses no PRO Alfa, mas percebo que a desenvoltura dos alunos é gradativa. Eles aprendem aos poucos o sentido das aulas do projeto*”.

Prof<sup>a</sup>. Marlucy (ASPC): “*Sim. Grande parte tem demonstrado uma maior desinibição e espontaneidade, no decorrer do curso, que se divide em dois semestres. Muitos relatam Ter conquistados novos amigos após a inserção no curso. Há também uma maior propensão à reivindicação dos seus direitos na sociedade*”.

**Em relação à expansão das UnATIs, se ela ocasionaria uma maior inclusão social do idoso, e o ajudaria em sua motivação e cidadania, destaco três respostas devido a suas justificativas:**

Prof<sup>as</sup>. Simone Lopes e Michele Abreu (PRO Alfa II): “*Sim. Ao chegar na Terceira Idade muitos acreditam que a vida produtiva chegou ao fim. A UnATI mostra a eles que a vida só está começando, numa fase mais madura e com mais tempo disponível. Os idosos constituem uma parcela significativa da sociedade e não podem ser ignorados*”.

Prof<sup>a</sup>. Marcela S. do Nascimento (PRO Alfa I): *“Sim. Pois se pudéssemos atender um numero maior de pessoas de maneira mais plena e eficaz possibilitaríamos uma maior inclusão”*.

Prof<sup>a</sup>. Marlucy (ASPC): *“Sim. Porque as UnATIs são espaços com acesso a informação e novos conhecimentos da sociedade contemporânea de maneira reflexiva dentre eles, o próprio idoso. E também são espaços de sociabilidade e intergeracionalidade, pois funcionam em universidades produzindo o intercâmbio, entre vários grupos etários através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão”*.

Quando perguntadas sobre ***quem teria a responsabilidade de implantar programas educacionais e sociais para a melhor qualidade de vida do idoso***, as respostas foram resumidas e parecidas: ao governo, a Instituições Privadas e a sociedade civil.

Percebemos pelos questionários e pela observação e conversas nos cursos, que as professoras sempre planejam as atividades com o intuito de acrescentar conhecimentos, mesmo sendo um curso que aparentemente parece apenas voltado para a prática, como por exemplo, o “Alongamento e qualidade de vida”: neste curso os alunos pesquisam figuras ou uma foto a pedido da professora e ela seleciona as fotos e faz uma atividade física com os alunos, por meio do material que eles pesquisaram, para que dessa maneira eles aprendam a conhecer seu corpo, suas potencialidades e não apenas fiquem na repetição de gestos como se tivessem em uma academia. O trabalho das professoras é desenvolvido de forma que estimule a autonomia, criatividade, senso crítico, bem como priorizam a construção do papel de cidadão dos idosos que participam dos cursos.

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas [...] reflexão sobre si mesmo, sobre o seu tempo, sobre suas responsabilidades. (FREIRE, 1980, p.59).

Como Freire mesmo propõe, a educação deve proporcionar ao homem a reflexão, a explicitação de suas potencialidades e ao vivenciar esta educação, as professoras através do seu trabalho obtiveram mudanças positivas tais como: desenvoltura, caráter crítico, motivação, conscientização e reivindicação dos seus direitos na sociedade.

Ficou evidente que a expansão de UnATIs com ênfase na Educação Permanente, possibilitaria uma maior inclusão social do idoso, bem como o intercâmbio intergeracional e os faria refletir sobre o cotidiano da sociedade e sobre sua cidadania. Eles também seriam lembrados de que são idosos, mas que como a Prof<sup>as</sup>. Simone e Michele disseram: “a vida está só começando, numa fase mais madura e cheia de tempo disponível”.

### 5.3 A Realização das Entrevistas Com a Coordenação Pedagógica

Na entrevista da Coordenação Pedagógica também colocamos questões abertas e fechadas.

**Questões Fechadas:** Nome, sexo, idade. Foram feitas entrevistadas com Célia Sanches Coordenadora Pedagógica da UnATI/UERJ (52 anos) e sua estagiária Cristiane M<sup>a</sup> Silva dos Reis (42 anos).

#### **Questões Abertas:**

Perguntamos a Reis e Sanches *qual a metodologia de ensino dada aos alunos da Terceira Idade?*

Ambas deram a mesma resposta, dizendo que a UnATI trabalha numa perspectiva de educação permanente, enfatizando a questão da auto estima, de desenvolver a capacidade do idoso, das novas descobertas, etc, e que essa Educação é a permanente e é a educação que o idoso adquire logo que entra na UnATI, ou seja vai desde o começo de sua entrada até a sua



finitude. Sanches apenas esclarece um equívoco comum entre as pessoas que confundem educação permanente a continuada, dizendo que a educação permanente está voltada não somente para o idoso, como forma não apenas de aprendizagem, mas de conhecimento, de reflexão etc. E a educação continuada - a que elas trabalham com seus professores - é uma educação que permite que as pessoas dêem continuidade aos estudos –aprendizagem –, estar sempre se aperfeiçoando, fazendo curso sobre envelhecimento, pós-graduação, até mesmo alguns professores fazendo mestrado, doutorado etc, e sempre participando em Workshops, eventos para que com isso eles possam aprender e se especializar.

Perguntadas sobre como elas **planejam o trabalho com os alunos da terceira idade**, Reis respondeu que *“o trabalho é voltado para a valorização dos idosos e novas perspectivas de vida, porque muitas vezes você tem o aluno idoso que trabalhou a vida toda e nunca fez nada a não ser ligado a sua profissão, então quando ele se aposenta ele se sente improdutivo, incapaz para a sociedade, porque a sociedade descarta mesmo e ele entra em depressão por que não tem novas perspectivas e o idoso quando chega aqui é feito um trabalho de resgate de auto estima, de valorizá-lo enquanto pessoa, então, muitas vezes ele começa a fazer coisas que ele já gostaria de ter feito, mas não teve oportunidade, e começa a melhorar a qualidade de vida dele, a descobrir que se ele se aposentou primeiro porque foi merecido, ele trabalhou uma vida para isso, então agora ele precisa aproveitar esse momento para seu lazer, seus estudos, para ter novos planos”*.

Sanches acrescenta dizendo: *“Semestralmente é feito um questionário com os alunos e neste questionário nós perguntamos se ele está satisfeito com a matéria, o que poderia modificar, qual curso ele tem vontade que a UnATI deveria ter e também tem o relatório dos professores até pra saber se houve evasão. Então é feito um relatório, e a gente descobre o que é necessário para fazer, para modificar, para ser melhor para esta clientela da terceira Idade”*.

Perguntamos a Reis e Sanches *qual o princípio que fundamenta a prática pedagógica com os alunos*. Elas dão respostas parecidas, uma enfocando uma melhor qualidade de vida e outra o aperfeiçoamento. Reis diz que o princípio está na educação para saúde, para uma vida mais saudável, ou seja, uma educação para a melhor qualidade de vida tudo com enfoque no conhecimento, na aprendizagem formal ou informal. Diz que as atividades são voltadas para a discussão, para a socialização e com isso o idoso já começa a melhorar a qualidade de vida, seja pela troca de experiências, pelo próprio exercício intelectual, do corpo, etc. Sanches diz que fornece ao idoso a busca por uma vida agradável, a participar de atividades, ao conscientizar da sua importância e de como ele tem a capacidade de adquirir conhecimento permanentemente.

As coordenadoras também foram questionadas sobre o *por que de terem escolhido a Educação Permanente, como educação para os alunos da Terceira Idade*.

Reis responde que *“enquanto você está vivo, você está se educando seja formalmente, ou informalmente, então a educação permanente parte do princípio de que você está a todo tempo se educando, seja numa palestra, no curso, numa avaliação de saúde, trocando experiências, por exemplo, na UnATI, na futura – um curso oferecido aos alunos – tem um grupo muito heterogêneo: profissionais liberais, professores, pessoas que não terminaram o ensino fundamental, etc. E, no entanto, você tem um grupo de alunos discutindo as mesmas questões sem haver um desnível, porque o próprio trabalho que é feito já busca essas várias contribuições de experiências, uma educação mútua. O que, às vezes, pode acontecer é o discurso ser numa linguagem um pouco diferente, mas não qualitativamente”*.

Já Sanches responde que percebe *“a educação permanente como uma educação desde quando você nasce até a sua morte. Mas o que acontece, você encontra um grande número de pessoas idosas analfabetas, que não tiveram oportunidade de estudar, de ter conhecimento. Hoje parece que elas estão querendo resgatar o momento “perdido”. Assim escolhemos a*

*educação permanente pois ela é uma educação de construção e reconstrução, não é que a gente vá pegar tudo o que o idoso tem na sua cabeça e jogar na lata de lixo, mas a gente vai reconstruir. Colocar conhecimentos da atualidade, tanto que quando o idoso por exemplo faz trabalhos da internet, trabalhos de computador ele começa a usar até uma linguagem da informática – deletar – começa a perceber outro vocabulário.*

Perguntamos a Reis e Sanches *se elas perceberam mudanças nos alunos, a partir do trabalho delas com eles, (tendo ênfase à educação permanente) e quais?*

Reis: *“Sim, por exemplo, meu próprio pai que é aluno da UnATI, quando ele veio para cá a qualidade de vida dele melhorou muito, até a própria saúde dele, o colesterol baixou, ele aprendeu a se alimentar melhor, melhorou sua auto estima e o convívio com a família também melhorou, ele ficou uma pessoa alegre”.*

Sanches: *“é uma grande mudança, o idoso entra na universidade com aquele ranço, dizendo: eu tenho problemas de pressão, minha pressão tá aumentando, os meus netos... aí começam a contar seus problemas e o próprio colega idoso diz: deixa isso pra lá; hoje vai ter um workshop de violão, hoje vai ter uma palestra X, e aquele idoso começa a se modificar a cada momento e você percebe o benefício, a auto estima, a motivação; devido à socialização com os da sua idade e há também a integração com os mais jovens. Eles começam a se sentir fazendo parte do mundo novamente, se sentem incluídos. A universidade e a educação permanente vão dar continuidade ao presente do idoso até o final da sua vida. Aí ele recupera a auto estima, tem o que conversar quando chega em casa, a falar sobre os cursos, a ensinar ao neto alguma coisa da Internet e até mesmo a ter um retorno financeiro seja na parte do artesanato ou como um aluno que veio me contar que ganhou vinte reais de dois amigos por que ele fez o imposto de renda deles. Então essas pessoas se sentem mais felizes,*

*elas não falam mais sobre dor, doença, agora elas querem aprender alguma coisa que não tiveram oportunidade antes e querem viver intensamente”.*

Perguntamos às entrevistadas se a **expansão de UnATIs ocasionaria uma maior inclusão social do idoso, e o ajudaria em sua motivação e cidadania**. Ambas responderam que sim e Sanches justificou sua afirmativa: *“Sim. Eu aprovo que comece a expandir mais universidade, pois é interessante a expansão de UnATIs, pois ainda ficam muitos idosos de fora, pois aqui não podemos colocar mais, visto que é também uma unidade de ensino que utiliza as salas. Então acho que é o momento de abrir mais universidades e dar oportunidade para o idoso ter essa educação permanente; visto que o idoso se sente incluído socialmente, a partir do momento que entra na UnATI, por que ele é incluído na família, porque não vão fugir das conversas dele, pois ele já tem outro discurso, na sociedade, ele está sempre se atualizando, conhecendo a lei dele, o que ele tem que fazer, o que ele tem que reivindicar, a exercer sua cidadania e com isso vem, é claro, a motivação pela vida. Assim, a inclusão não ocorre só dentro como fora da universidade”.*

Quando perguntamos às entrevistadas, **quem, na opinião delas, teria a responsabilidade de implantar programas educacionais e sociais para a melhor qualidade de vida do idoso**, ambas não quiseram responder. Sanches apenas comentou que a UnATI é uma universidade pública que faz um belo trabalho e que acha que não o governo, mas outras pessoas e instituições poderiam se espelhar e começar a se preocupar com a Terceira Idade e a fazer um bom trabalho para essa camada que está crescendo, já que todo mundo vai envelhecer um dia.

Analisando as respostas, Schwartz (1976) nos incita a pensar sobre a Educação Permanente enfocando um dos seus objetivos, que é a educação que chama o homem a viver cada vez mais em interação com outros homens, a ajudar os indivíduos a saírem dos seus

isolamentos e assumirem parte nas decisões que os concernem, porque enquanto vivo, este tem que continuar a viver, a ser cidadão:

[...] em um mundo que não termina jamais de mudar-e que muda cada vez mais depressa, e cada vez mais profundamente-, há tão somente uma alternativa: sofre a mudança ou dirigi-la. Se recusarmos o primeiro termo da escolha, só nos resta <<aceitar>> sermos nós próprios agentes da mudança. O que pedimos à educação é, precisamente, tornar cada indivíduo capaz de compreender seu ambiente, para poder agir sobre ele. (p.92).

> C. H. WARTZ, 1976, p. 92

Fica evidenciado nas entrevistas com a coordenação pedagógica que o uso da Educação Permanente como educação para a Terceira Idade proporciona a construção e reconstrução de novos conhecimentos, a atualização, a sociabilização, a motivação através do convívio com pessoas da mesma idade e dos jovens e da valorização expressa nos cursos que prezam a experiência dos alunos idosos e a capacidade destes.

A entrevista com Célia Sanches vem reafirmar que a Educação Permanente é desde o início da vida até a morte e ao se tratar da Terceira Idade, esta educação é vista como início quando o aluno é inserido na universidade e término, da mesma forma, até à morte do educando.

[...] Numa pedagogia para o idoso o que interessa é que ele se torne novamente pessoa, volte a ser gente, volte a ser cidadão competente, capaz de administrar sua vida. (RODRIGUES, 1993, p.45).

Nesta perspectiva, segundo as coordenadoras, a Educação Permanente provoca mudanças sociais, afetivas e educacionais. Traz benefícios às pessoas que dela participam – o idoso no caso estudado – devido à socialização, à interação e estes idosos começam a dar continuidade ao seu presente, porque já obtiveram uma ocupação e a oportunidade de se afirmarem capazes, trazendo assim novas perspectivas para seus lares e os que da sua presença usufruem.

Desta forma, por meio da UnATI e da Educação Permanente, o idoso começa a se sentir incluído socialmente, pois, seu diálogo mudou, ele se atualizou, não foi “deixado para

trás”, ele se sente feliz por continuar a aprender e a viver num ambiente, e acredito que futuramente em vários ambientes – até a sociedade completa onde ele seja respeitado e valorizado pelos anos, experiência e contribuição como cidadão de uma sociedade que urge em ser mais humana, com aqueles que ela renegou oportunidades iguais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade de hoje expressa que o direito à educação não está garantido aos jovens, adultos ou aos idosos. Desta forma, é necessário investimento<sup>5</sup> que dêem oportunidade de acesso e permanência a todas as idades à educação, prezando evidentemente por uma educação de qualidade, que seja inclusiva e vá além da educação formal, ou seja, busque o desenvolvimento crítico, a sociabilidade enfatizando o respeito pelo ser humano, ampliando nos educandos a visão de mundo para que estes adquiram uma postura ética e segura diante da sociedade.

Após todos os levantamentos bibliográficos realizados até aqui, bem como a pesquisa de campo, foi possível identificar que com o aumento da expectativa de vida, medidas devem ser tomadas para uma melhor qualidade de vida. O estudo focaliza a educação como uma das medidas para o bem-estar social.

Como foi mencionado por Borges e Silva neste trabalho, a educação deve ser priorizada em todo o percurso do ser humano. Não adianta cuidar da criança do ensino fundamental e esquecer que essa criança cresce e que, muitas vezes, se desvincula da escola, devido ao seu engajamento no mercado de trabalho. Essa criança, hoje adulto, amanhã idoso, teve seus direitos renegados pela sociedade que continua a investir – quando investe – somente na educação da criança, mas não dá a mesma a possibilidade de continuar seus estudos.

A educação tem um papel importante na formação cultural do homem: não a de <<dar uma cultura>>, mas a de lhe dar as possibilidades e os instrumentos que lhe permitem ser culto, se quiser. (FURTER, 1979, p.73).

Com relação ao papel da educação, já em 1976 Schwartz, utopicamente, acreditava que no ano de 2000 a permanência da educação teria sido absorvida pelos costumes da sociedade e que a noção de permanência não se desvincularia da própria idéia de educação. Fazendo uma comparação, ele dizia que a educação permanente seria, em 2000, o que a escola para todos foi em 1880.

Neste ponto, mostramos em nosso trabalho que o sonho de Schwartz ainda não se concretizou, pelo menos no que se refere ao ensino geral; hoje essa educação idealizada por ele – Educação permanente –, pode ser verificada, apenas, nas universidades abertas à terceira idade, justamente porque é na terceira idade que o tempo torna-se mais disponível e o que foi negado – como exemplo a educação – ao indivíduo durante o seu desenvolvimento biológico, começa a ser resgatado por ele.

Ficou evidenciado por meio dos teóricos – Furter, Lima, Schwartz – que a educação permanente deveria ser implantada desde o ensino fundamental, para que as crianças crescessem tendo sua educação formal, assim como, um conhecimento informal mais atualizado de forma a torná-las conhecedora dos seus direitos, das suas responsabilidades; para que desta maneira pudessem intervir de forma consciente nas preocupações e soluções da sua época.

É preciso, portanto, que desde a entrada na escola, sejam os jovens treinados a assumir responsabilidades a propósito de seus próprios estudos (autoformação) e da gestão dos grupos e instituições de que são membros. Assim, após os 18 anos, terão adquirido o sentimento da deliberação eficaz e da decisão responsável por meio de tal treinamento e pelo exercício da democracia estudantil em todas as idades (educação permanente), terão adquirido e conservarão a capacidade de ser cidadão politicamente competente consciente, assim como trabalhadores habilitados a defender seus direitos e a exercer responsabilidades econômicas. (SCHWARTZ, 1976, p.27 - 28).

Visualizamos este pensamento feito por Schwartz, na concepção de Paulo Freire quando ele diz em seu livro “Educação como prática <sup>J. A. S. Vieira de</sup> libertária” que precisamos de uma



educação que leve o homem a tomar decisões, a assumir suas responsabilidades sociais e políticas. Não se pode compreender, segundo o autor que:

[...] numa sociedade dinâmica em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições quietistas ao invés daquela que o levasse à procura da verdade comum, “ouvindo, perguntando, investigando”. Só poderíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade. (FREIRE, 1980, p.90).

Os autores estudados – Furter, Collet, Delors, entre outros – fornecem o conhecimento acerca da Educação Permanente e nos remetem aos dias atuais, ao observarmos que ela é utilizada nos cursos oferecidos pela Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ, proporcionando aos alunos a elevação da auto-estima, a motivação, a ampliação dos sentimentos de solidariedade e de perspectivas de novos planos de vida, assim como sentimentos de utilidade e importância, a capacidade de construção e reconstrução do conhecimento por meio do diálogo, provocando a conscientização para que os mesmos possam reivindicar seus direitos, contribuindo para a questão da cidadania. Superando assim as dificuldades e a exclusão, tornando mais flexível a ressocialização do idoso em nossa sociedade:

Através do engajamento social, os idosos reapropriam-se de seus sonhos e dos objetivos de vida abandonados ao longo do caminho por falta de oportunidades e pela descrença na capacidade de alcançá-los. (FRANCIOLI, 1999, p.59).

A Educação Permanente vem como possibilidade de reverter os quadros atuais dos idosos, que não são vistos como agentes da história, que são excluídos da sociedade devido às constantes mudanças no mundo. Esta educação ajudará aos idosos – recordando Beauvoir – a se adaptarem às inovações, visto que estes precisam de tempo e pessoas que os ajudem a compreender as inovações.

Pensar a educação de idosos como um processo contínuo é estimulá-los a refletir sobre sua vida e o cotidiano lembrando-os de que há possibilidade para transformar a realidade. Os ensinamentos de Paulo Freire nos afirmam que quando o homem compreende a sua realidade, este pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar assim soluções:

Ponha-se ênfase, desde já, na necessidade permanente de uma atitude crítica, a única com a qual o homem poderá apreender os temas e tarefas de sua época, por outro lado, realizar-se na proporção em que seus temas forem captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que os temas e suas tarefas não correspondem às novas ansiedades emergentes. (FREIRE, 1979b, p.64).

Segundo Martins Sá (1992) a participação do idoso nas universidades abertas implica uma participação efetiva na sociedade, pois implica na:

Reordenação da vida cotidiana do cidadão idoso, reingresso do cidadão ao cotidiano, assim como indivíduo: capaz de lidar com as próprias emoções e situações de conflito, compreender o envelhecimento, capaz de enriquecer e ampliar seu social, capaz de engajar-se num trabalho criador, ligado à arte, a ciência, à moral e a ação coletiva. (MARTINS DE SÁ apud PAPALÉO NETTO, 2002, p.103).

Papaléo Netto vem confirmar as palavras de Martins de Sá ao afirmar a importância das universidades abertas para a terceira idade:

[...] as universidades abertas à Terceira Idade os locais e os momentos que vão oportunizar a educação para o lazer na Terceira Idade, para o aprendizado da redistribuição do tempo e da adaptação e aproveitamento do tempo livre, principalmente porque, embora a educação deva ser feita desde a infância, pois todas as dimensões da vida humana devem ser desenvolvidas desde o início da vida, a faixa etária da Terceira Idade atual não teve oportunidade em relação ao lazer e ao tempo livre. Ao contrário sempre colocou o trabalho como o centro de sua vida. Como única forma do seu agir, de tal forma que chegando na aposentadoria, na Terceira Idade, ou seja, na velhice pode apresentar um desequilíbrio interior, do qual a adaptação se torna bastante difícil necessitando de uma reeducação do seu tempo. (PAPALÉO NETTO, 2002, p.104).

A partir das reflexões das citações de Martins de Sá e Papaléo e da nossa pesquisa de campo na UnATI, consideramos que os idosos buscam a UnATI como forma de estarem

atualizados, mostrando-se ativos, úteis, pessoas que merecem envelhecer com dignidade e respeito.

O nosso estudo de caso provou que dar mais visibilidade as UnATIs que adotam a Educação Permanente é contribuir para uma mudança na visão da sociedade para que ela caminhe em direção a novas concepções de vida em favor de todos os seus membros, sem distinção. Na UnATI/UERJ, constatamos o comprometimento com a troca existencial entre os alunos, gerando o enriquecimento pessoal e coletivo dos mesmos e o envolvimento ativo e criativo nas atividades.

Um ponto relevante que destacamos em nosso estudo foi refletir o que Furter (1992) já havia mencionado, que é o papel da pedagogia, na Educação Permanente. Este papel é explanado por Rodrigues:

[...] aprender é possível em todas as idades inclusive na velhice [...] a pedagogia não resolve os problemas da velhice, mas pode ajudá-los a ter uma vida melhor, pode ajudá-los a se descobrir como pessoas como cidadãos competentes, pode ajudá-los a resgatar o sentido da velhice. E finalmente, toda a pedagogia para a Terceira Idade deve partir dos interesses, dos desejos do idoso e levar em consideração o seu contexto social, sua historia de vida. (1993, p.49).

Percebemos em nosso trabalho que o papel da pedagogia está sendo cumprido pela UnATI, a partir do momento que em todos os cursos visitados, verificamos que as professoras prezam pelo saber do idoso, bem como os atualizam no cotidiano e motiva-os a pensar em seu presente, em uma vida com mais qualidade, não menosprezando, como já dito, o seu saber. Desta forma visualizamos – e como as coordenadoras e professoras mesmas disseram – que as pedagogas e professoras fazem o planejamento de trabalho com o idoso partindo da premissa que ele é um sujeito histórico e, portanto participante. Sendo assim, elas buscam as necessidades e interesses desses alunos por meio de relatórios, questionários e conversas informais, evidenciando que a universidade se preocupa com a ascendência na qualidade do ensino e dos conhecimentos que são oferecidos a esses alunos idosos.

Outro ponto relevante foi verificar que a UnATI/UERJ se faz uma das alternativas para a construção e consolidação dos direitos sociais e políticos dos idosos.

Exercer a cidadania é dar condições aos idosos de serem sujeitos de sua história pessoal de exercerem seus direitos civis, políticos e sociais, também no plano coletivo, de participarem da vida social em todas as instituições e movimentos sociais e que se sintam motivados a exercer, de forma mais próxima possível da cidadania efetiva, que dê qualidade à vida e que lhes assegure viver com dignidade. E todos os espaços públicos e privados, são exercício da cidadania dos idosos, espaços que não se mostram prontos, mas possíveis de serem construídos solidariamente, por jovens e velhos, mulheres e homens, enfim, por toda a sociedade. E as universidades [...] exercem papel fundamental nesse processo de construção. (GOLDMAN, 2003, p.190).

Fazendo uma “ponte” entre Freire e sua concepção libertária da educação e Goldman com suas palavras anteriormente citadas, percebemos as UnATIs como ambientes que visam recuperar os valores sociais, morais e econômicos dos idosos, bem como conceder a estes o direito na busca de liberdade e democracia.

Acreditamos que brevemente sejam criadas mais Universidades Abertas para Terceira Idade, visto que é uma das necessidades apontadas pelo Estatuto do Idoso, criado em 1º de outubro de 2003. A Prefeitura do Estado do Rio de Janeiro distribuiu uma cartilha informando a sociedade sobre a nova lei:

Educação: Os jovens de hoje são os idosos de amanhã. [...] O Estatuto do Idoso exige que as escolas ensinem como tratar aos mais velhos. A medida tem como objetivo eliminar preconceitos que possam existir por falta de conhecimento dos jovens [...] Inserir currículos mínimos nos diversos níveis para o processo natural de envelhecimento, visando a eliminar preconceitos; buscar adotar modalidades de ensino à distância adequadas às condições do idoso; criar Universidades Abertas para a Terceira Idade; (2004, p.7).

Nesta perspectiva, torna-se necessário atentar para três pontos: primeiro reverter à idéia negativa que a Sociedade Brasileira faz com relação ao idoso e que é uma das causas da exclusão dele; segundo alertar para a importância do que é disseminado para as crianças e terceiro lembrarmos que a exclusão social é um problema que deve ser resolvido por todos os segmentos da sociedade, visto que a sociedade não pode estar em harmonia enquanto todas as

suas mazelas não forem combatidas – discriminação racial, desigualdade social, discriminação por credo, etc. Nesse ponto, a educação se faz nossa aliada quando transmite valores que transformam o mundo num lugar melhor.

Confiamos que por meio do cumprimento da lei acerca da criação de UnATIs, sejam estas criadas e disseminem a Educação Permanente, promovendo a visibilidade da má qualidade de vida que está sendo dada aos idosos, apelando para a mobilização social que provoque a ressocialização e reinserção social deste idoso – dentro do lar, escola, instituições – como primeiro passo e como segundo que a Educação Permanente seja um sonho concreto – como idealizou Furter, Schwartz – ou seja, que ela seja implantada em todas as instâncias educacionais, para que com a permanência da educação surja uma nova sociedade, uma sociedade voltada para uma cultura da tolerância, do respeito às diferenças, da valorização do ser humano e que – no pensamento de Goldman (2003) – seja verdadeiramente democrática, dando igualdade a todos ao acesso à informação, originando pessoas éticas e conscientes da importância da vida e que, portanto assumirão o compromisso com o bem estar de todos que compõem esta nova sociedade.

Desta forma, temos que apostar na educação apresentada neste trabalho, a Educação Permanente, pois ela demonstra todas as possibilidades acima mencionadas – da ressocialização e motivação do idoso, bem como perspectivas de ser e de viver. Pensamos nela como uma educação a favor do ser humano.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi. “Modernidade e Velhice”. In: Revista Quadrimestral de Serviço Social e Sociedade: **Velhice e envelhecimento**, nº 75, ANO XXIV – Edição Especial, set. 2003, São Paulo: Cortez, p. 35-54.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. “Da educação Gerontológica à Educação Física Gerontológica: em busca de uma Educação Física mais apropriada para o idoso”. In: PAZ, Serafim Forte et all. **Envelhecer com Cidadania: Quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: ANG-RJ/CBCISS, 2000, p. 107 -120.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BORGES, Maria Cláudia Moura. “O Idoso e as Políticas Públicas e Sociais no Brasil”. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (org). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 79 - 104.

CACHIONI, Meire. “Universidade da Terceira Idade: das origens à experiência brasileira”. In: NERI, Anita Liberalesso e Debert, Guita Grin (orgs). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 141 -178.

CARNEIRO, Américo Piquet. “A universidade da Terceira Idade”. **Cadernos de planejamento da UERJ**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989, p. 4 - 14.

CARVALHO, Maria do Carmo B; ALMEIDA, Vera Lúcia V. et all. **Serviços de proteção e Inclusão Social dos Idosos**. Brasília: MPAS, 1998.

COELHO, Viviane Ribeiro Pinheiro; LACAZ – RUIZ, Rogério. (2004). A Universidade para a Terceira Idade. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/rogeriolacazruiz/livro8/vrhc.htm>> Acesso em: 14/12/2004.

COLLET, Heloisa Gouvêa. **Educação Permanente: uma abordagem metodológica**. Rio de Janeiro: SESC, 1976.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ª ed., São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. (2005). A fabricação social do idoso e o papel da educação. Disponível em:

<<http://www.uesc.br/auesc/estorg/nucleos/estudos/envelhecimento/idosoeducacao.rtf>>

Acesso em 22/09/2005.

FURTER, Pierre. **Educação e Reflexão**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação e Vida**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANCIOLI, Líbia Lima. **O papel da Universidade na reinserção social do idoso**. In: A Terceira Idade, nº. 18, Ano X, dez. 1999. São Paulo: SESC, p. 59- 68.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979a.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979b.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

GOLDMAN, Sára Nigri. **Universidade para a Terceira Idade: uma lição de cidadania**. Olinda: Elógica, 2003.

LIBERATO, Elisabeth Moraes. **Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade**. In: A Terceira Idade, nº. 12, Ano IX, ago. 1996. São Paulo: SESC, p. 11- 15.

LIMA, Mariúza Peloso. **Gerontologia Educacional – Uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice**. São Paulo: Ltr, 2000.

MARTINS DE SÁ, Jeanete Liasch. **Universidade da Terceira Idade: Fundamentos filosóficos, educacionais e epistemológicos**. Campinas: PUC, 1996.

NASCIMENTO, Maria Cristina Rumbelperger do et all. “Qualidade de vida na Terceira Idade”. In: PAZ, Serafim Fortes et all. **Envelhecer com Cidadania: Quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: ANG-RJ/CBCISS, 2000, p. 121 -138.

PACHECO, Jaime Lisandro. "As universidades Abertas à terceira Idade como Espaço de Convivência entre Gerações". In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (org). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 223 -250.

PALMA, Lúcia Saccomori. **Educação Permanente e Qualidade de Vida: indicativos para uma velhice bem sucedida**. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PALMA, Lúcia Saccomori; CACHIONI, Meire. "Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso". In: FREITAS, Elisabete Viana de et all. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c 2002, p. 1101 -1109.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia: A velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2000.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Respeito ao idoso é bom e a prefeitura gosta**. Cartilha do Idoso, Jan. 2004. Rio de Janeiro: Secretária Especial da Terceira Idade da Prefeitura do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Nara da Costa. "A prática pedagógica junto ao idoso!" In: A Terceira Idade, nº. 7, Ano V, jun. 1993. São Paulo: SESC, p. 45-49.

SCHWARTZ, Bertrand. **A educação, amanhã: Um projeto de Educação Permanente**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SILVA, Osvaldo Vieira. **Envelhecer no Brasil: uma aventura!** In: A Terceira Idade, nº. 12, Ano IX, ago. 1996. São Paulo: SESC, p. 45-49.

VERAS, Renato. "A longevidade da população: desafios e conquistas". In: Revista Quadrimestral de Serviço Social e Sociedade: **Velhice e envelhecimento**, nº 75, ANO XXIV – Edição Especial, set. 2003, São Paulo: Cortez, p. 5 -18.

VERAS, Renato; CALDA, Célia Pereira. **UNATI/UERJ – 10 anos um modelo de cuidado integral para a população que envelhece**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

VIEIRA, Dirce Fátima. (2005). A Velhice nos Tempos Atuais. Disponível em: <[http://www.revistapsicologia.com.br/materiais/abordagens/m\\_abordagens\\_velhice.htm](http://www.revistapsicologia.com.br/materiais/abordagens/m_abordagens_velhice.htm)> Acesso em: 22/09/2005.





UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Ana Cristina Bezerra da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Educação Remota  
na Terceira Idade

ORIENTADOR : Maria Elena Rioson Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Angela Maria Souza Martins

Nota : 10,0 (dez)

Considerações:

A monografia de Ana Cristina apresenta uma ótima estrutura e fundamentação teórica, demonstrando um bom conhecimento para a elaboração contemporânea da educação de

Percebi, sobretudo, a capacidade de organização para a terceira idade. Também, sobretudo, demonstraram uma ótima participação e interesse. Por tudo isso, atribuo a seguinte nota: 10,0 (dez).

O Aluno

Segundo avaliador :

Professor orientador : Maria Elina Riana Souza

Nota: 10,0

Considerações:

durante todo o processo de elaboração da monografia, a aluna Ana Cristina demonstrou maturidade e compromisso com a pesquisa realizada sobre terceira idade e educação permanente. Demonstrou também capacidade de análise ao fundamentar seu trabalho de forma crítica, fazendo relações importantes entre a prática e a teoria.

O estudo sobre o tema em questão, re-

presentou acúscimos de conhecimentos tanto para a aluna quanto para a área de educação, pois, trata-se de um assunto que deve ser mais explorado e investigado na área educacional. A aluna está de parabéns e a nota conferida por mim é 10.

Maria Elvete S. Souza

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Suzana Martha Coimbra C. Leite

Nota : 10,0

Considerações:

O trabalho contém todos os elementos essenciais de uma monografia de final de curso.

MU

### RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	10,0	30,0	10,0

Rio de Janeiro, 09/01/2006

(NOME DO/A ALUNO/A)

## EDUCAÇÃO PERMANENTE NA TERCEIRA IDADE

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. (Nome do professor) – Orientador

*Prof. (Nome do professor/a)*

---

Prof. (Nome do professor/a)

*Prof. (Nome do professor/a)*

---

Prof. (Nome do professor/a)

RIO DE JANEIRO  
2005